

Desafio fora da reserva

Os estudantes indígenas que ingressaram na UFRGS através das ações afirmativas, como Denise Marcolino, estranham as exigências da rotina universitária e o barulho da capital. Mas todo esse esforço vale a pena para garantir o futuro de suas comunidades, que precisam de profissionais nas áreas da saúde, das ciências agrárias e das ciências humanas. Para acolhê-los, a Universidade promove medidas compensatórias especiais de permanência, que incluem auxílio financeiro e apoio pedagógico. Também são designados pelas Comgrads professores-tutores e colegas monitores para acompanhamento aos estudantes indígenas. Em entrevista ao *Jornal da Universidade*, alguns deles contaram um pouco dessa recente história.

Página Central



AGRICULTURA

Nova origem para a merenda escolar

Agora é obrigatório. As prefeituras municipais devem reservar 30% do orçamento da merenda escolar para a compra de alimentos produzidos por agricultores locais. Isso representa um repasse de R\$ 600 milhões diretamente a pequenos proprietários. A mudança na legislação é uma aposta do governo federal, que destina cerca de R\$ 2,2 bilhões aos municípios através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). A Lei n.º 11.947/09 promete fomentar a agricultura familiar e melhorar a qualidade do lanche de 47 milhões de alunos em todo o país.

P5

NOVAS GRADUAÇÕES

Conheça o curso de História da Arte



Uma das sete novas graduações a serem oferecidas no vestibular 2010 da UFRGS, História da Arte inaugura uma série de reportagens do *Jornal da Universidade* sobre os cursos estreados. Será o primeiro curso do Estado e o terceiro do país na área. A escassez de opções para a formação básica do historiador da arte não se explica por falta de demanda: o Instituto de Artes marca o primeiro ano após seu centenário consolidando um antigo desejo de muitos pesquisadores e profissionais.

P7

HONDURAS

Para entender a crise na América Central

Após o golpe que destituiu e exilou o presidente Manuel Zelaya, Honduras vive clima de impasse político e de isolamento internacional. Enquanto o governo interino de Roberto Micheletti não aceita o acordo proposto pela OEA, a população vai perdendo as esperanças de ver o retorno do presidente deposto e se preparando para as próximas eleições, marcadas para novembro. Para a professora do Departamento de História da UFRGS Cláudia Wasserman, o golpe está relacionado a interesses dos Estados Unidos na América Latina e foi uma resposta à aproximação com os governos de esquerda por parte de Zelaya.

P10

CONVÊNIO

UFRGS e Prefeitura fazem projeto inovador de mapeamento

Página 11

BALANÇO

As lições da pandemia da Gripe A para os órgãos de saúde

Página 4

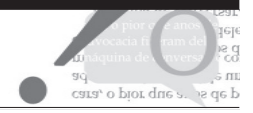
PATRIMÔNIO

Monumentos da Capital sofrem com a depredação

Estátuas, bustos, esculturas e edifícios públicos de Porto Alegre têm sido alvo de um vandalismo que, sendo pauta de qualquer conversa, é rapidamente condenado. Propostas de solução não faltam e envolvem o cercamento dos bens, o investimento em vigilância, punições e campanhas de conscientização. Entretanto, a tarefa de encontrar as melhores alternativas para a proteção do patrimônio público passa por entender o que leva alguém a depredar. A reportagem do *Jornal da Universidade* ouviu a diretora da Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal de Cultura Débora Magalhães da Costa, a arquiteta do Projeto Monumenta Dóris Saraiva de Oliveira, a antropóloga Lorena Avellar de Muniagurria e porto-alegrenses para saber qual é a melhor forma de preservar aquilo que, idealmente, é de todos e para todos.

P13





Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

Crescendo com qualidade

Educação superior de qualidade é um dos requisitos fundamentais para o desenvolvimento dos povos e das nações, principalmente na era do conhecimento.

Com o objetivo de ampliar e democratizar o acesso ao ensino superior público e com o apoio decisivo do programa Reuni, a UFRGS está fazendo a maior expansão da graduação em seus 75 anos: o Concurso Vestibular 2010 oferecerá a possibilidade de acesso a 4.961 calouros em 86 cursos de graduação. Nesse total, estão incluídas 405 novas vagas, resultado do trabalho comprometido e qualificado da comunidade acadêmica e do investimento federal. Parte dessa expansão se dá pela oferta de seis novos cursos: Biotecnologia, Engenharia de Energia, Engenharia Física, Serviço Social, História da Arte e Políticas Públicas. São cursos inovadores que atendem a demandas da sociedade e antecipam oportunidades de futuro profissional. Há também a ampliação de cursos existentes, com o oferecimento de

novas vagas para o turno da noite nos cursos de Administração, Odontologia – iniciativa pioneira no país – e licenciatura em Filosofia. Esta é a primeira vez que mais de 20% das vagas de ingresso são disponibilizadas em cursos noturnos, visando à inclusão do estudante trabalhador.

Os candidatos ao Vestibular 2010 também poderão optar pelo uso da nota obtida no Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, a ser realizado em outubro. A adesão da universidade ao uso do exame nacional sinaliza seu compromisso com os outros níveis de ensino e não implicará prejuízo aos candidatos, pois aqueles que decidirem pela utilização do Enem terão um bônus, proporcional ao desempenho, no argumento de concorrência.

Esse inédito crescimento da graduação está alicerçado na qualidade acadêmica, tradicionalmente reconhecida em avaliações internas e externas. Recentemente divulgados pelo INEP/MEC, o Índice Geral de Cursos e os

resultados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes 2008 reafirmam a posição da UFRGS entre as melhores universidades do país. Já o estudo do Conselho Superior de Investigação Científica da Espanha, que avalia a relevância da pesquisa e a visibilidade institucional através da *web*, situa nossa universidade entre as 200 mais importantes do mundo, num universo de 17 mil instituições de ensino superior.

Esse sucesso tem suas raízes no ambiente de integração acadêmica, no continuado investimento em ensino, pesquisa e extensão, bem como na motivação, dedicação e qualificação de docentes, técnicos administrativos e estudantes.

Ao ampliar as possibilidades de formação qualificada para jovens e estudantes trabalhadores, a UFRGS coloca a qualidade acadêmica e o conhecimento a serviço da sociedade, constrói cidadania e deposita esperança no futuro do país.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Flávio Porcello

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497

Conselho Editorial
Cassiano Kuchembecke Rosing, Cesar Zen Vasconcelos, Dalro José Nunes, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Flávio Porcello, Maria Heloisa Lenz, Maria Henriqueta Luce Kruse, Ricardo Schneiders e Rudimar Baldissera

Editora-chefe
Ánia Chata
Repórteres
Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Projeto gráfico
Juliano Bruni Pereira
Diagramação
Aluisio Pinheiro
Fotografia
Cadinho Andrade e Flávio Dutra
Revisão
Antônio Falcetta
Bolsistas
Demétrio Pereira, Diego Mandarin, Jaqueline Crestani, Leila Ghiorzi e Luciane Costa
Colaboraram nesta edição
Nede Losina (Projeto Contato)
Circulação
Márcia Fumagalli
Fotolitos e Impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem 12 mil exemplares

Especial

Reflexão sobre o Programa Convivência Rural MST

O Programa Convivência Rural MST do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-reitoria de Extensão da UFRGS potencializa a imersão da comunidade acadêmica na sociedade e nos ajuda a refletir sobre o papel da extensão social em diferentes realidades. Como expressão de uma convivência no assentamento Santa Rita de Cássia, os estudantes produziram uma carta em que refletem sobre essa bela experiência:

Nova Santa Rita, 31 de julho de 2009.

A todos e todas integrantes do MST, que nos acolheram durante este período de convivência...

Pelo chimarrão nas horas oportunas e pelas longas prosas de fim de tarde; Pela esperança que surge nos lotes com o cultivo da terra e no riso das crianças;

Pela comida caseira e pela receptividade;

Pela disponibilidade de todos em compartilhar conosco sua trajetória de luta e reconstrução constantes, ficamos agradecidos.

Aprendemos que, a partir da coletividade e da consciência de classe, a luta pela terra torna-se também a luta pela dignidade humana, e é só através do pensamento crítico em relação ao estado das coisas e a nós mesmos que transformamos a realidade que nos fere de frente. Realidade essa de histórias de pés embarrados, roupas molhadas, lona e chão batido; o esperar incessante de um dia que se deseja que chegue e não tarde, porque a vida é um sopro e um suspiro. Histórias de coturnos pesados e balas que ferem, mas não matam o andar macio de chinelo na calada da noite. Histórias de uma realidade que parece estar tão distante da Universidade, da natureza em vasos de plástico e dos livros mofados nas estantes da biblioteca, mas que estão mais perto do que acreditamos e pedem pra ser ouvidas. E é a combater a distância, a surdez e o fechar de olhos que desafiamos agora, dentro e fora da Universidade.

Somos todos Sem-Terra...

...quer seja no campo ou na cidade. As favelas crescendo junto com os latifúndios. O camponês transformado em favelado, sem-terra, sem comida, sem educação, sem dignidade, porém nunca sem esperança. A pobreza não é capaz de tirar o sonho de um mundo melhor, do camponês e do trabalhador. O sonho move a luta. A luta não apenas por terra, mas por dignidade. A Reforma Agrária também é saúde e educação. Uma saúde que não apenas trate as doenças, mas que as previna. Uma educação que não forme apenas empregados, mas seres humanos. Uma educação que não forme somente consumidores, mas cidadãos. E, por que não dizer, a Reforma Agrária é também uma universidade verdadeiramente pública e popular, que produza conhecimento não apenas para as elites? Uma universidade que forme pessoas críticas e não somente mão de obra para o mercado de trabalho.

Aprendemos nessa convivência que não há distância entre o campo e a cidade. As desigualdades observadas nas grandes metrópoles estão diretamente ligadas às do campo.

Por fim, aprendemos. Aprendemos, sobretudo, que, de fato, somos todos Sem-Terra.

Anais Medeiros Passos - Relações Internacionais, Ana Rita da Silva Rodrigues - Ciências Sociais, Camila Farias da Silva - Ciências Sociais, Felipe da Costa Franco - Geografia, Giovanni Felipe Ernst Frizzo - doutorando do PPGCMH/ESEF, Karina Mayumi Higa - Ciências Biológicas, Laura Souza Fonseca - professora da FACED, Luciano Costa Gomes - História, Mariele Giovanas - Ciências Sociais e Shin Pinto Nishimura - licenciado em Educação Física

Memória da UFRGS



1938

Aula de pintura com o professor Ângelo Guido, no ateliê do antigo prédio do Instituto Livre de Belas Artes, que à época integrava a Universidade de Porto Alegre (UPA).

Mural do Leitor

jornal@ufrgs.br

Prestando contas

Sou aluna do mestrado em Ciência Política. Em julho deste ano, participei do VIII Programa Jovens Líderes Iberoamericanos, promovido pela Fundación Carolina, que seleciona os 50 melhores recém-formados da Ibero-américa, para um período de três semanas de imersão na realidade social, política e econômica da Espanha e da União Europeia. Durante o programa, entendemos que estávamos tendo uma oportunidade única e que deveríamos dar um retorno à nossa comunidade, começando pela nossa Universidade. Além disso, juntamente com os participantes da edição passada, fundamos um projeto chamado Conexão Ibero-americana com o objetivo de promover a integração e difundir valores como a educação. O Conexão já conta com um blog no endereço (<http://conexioniberoamerica.wordpress.com/>). Gostaria de fazer, portanto, uma "prestação de contas" à UFRGS – já que estava representando a Universidade no Programa –, bem como de falar sobre o projeto Conexão Ibero-americana. Não sei quais são as possibilidades, mas haveria como publicar algo no Jornal da Universidade?

Nathaly Silva Xavier, Internacionalista e Becaria Jovens Líderes Iberoamericanos Fundación Carolina 2009

Oportunidade de estudo na Europa

Ano passado, li uma nota no JU a respeito de um estudante do curso de Música da UFRGS selecionado para estudar na Europa pelo programa Erasmus Mundus. Na época, eu também havia sido escolhido para o mesmo programa, porém em outra área de atuação. O curso ao qual estou ligado é um programa de mestrado formado por instituições de diversos países da Europa e tem a finalidade de formar profissionais e pesquisadores especializados em materiais para estocagem e conversão de energia, englobando principalmente pesquisa na área de energias renováveis. O curso é coordenado pela Universidade Jules Verne (Amiens – França) e tem como integrantes do consórcio a Universidade Paul Sabatier (Toulouse – França), a Universidade de Córdoba (Córdoba – Espanha), a Universidade de Provence (Marseille – França) e a Universidade Técnica de Varsóvia (Varsóvia – Polônia). Aos alunos provenientes de países em desenvolvimento (como o Brasil) são asseguradas bolsas de estudo durante todo o período de estudos. Gostaria de divulgar a existência dessa excelente oportunidade a todos os acadêmicos da UFRGS.

Daniel Dalla Corte, estudante de Engenharia



Integração

Preparativos para a 10.^a edição do Salão de Extensão



MARCO NOVACKY/DIVULGAÇÃO

O grupo curitibano Fato é uma das atrações culturais programadas para o evento

A fim de possibilitar a interação dos que fazem extensão e da Universidade com a sociedade, na programação do 10.º Salão de Extensão da UFRGS, a ser realizado de 22 a 25 deste mês, estão: a mostra da sua diversidade de ações com a comunidade, um Espaço Lúdico, a apresentação de trabalhos e atividades culturais, e oficinas.

A programação inicia às 14h do dia 22 com a conferência de abertura sobre "Tecnologias sociais", a cargo do professor Targino de Araújo Filho, reitor a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Na manhã do dia seguinte, a partir das 9h30min, terão início as apresentações de trabalhos e as sessões coordenadas, distribuídas em 11 áreas de interesse, entre elas: cultura e artes; comunicação; educação; direitos humanos e segurança; e gestão do trabalho, emprego e renda. A relação completa dos trabalhos a serem apresentados, bem como um mapa com os horários e locais das sessões, podem ser acessados no site www.prorext.ufrgs.br/10salao.

Durante o evento, crianças e jovens poderão participar do Espaço Lúdico, que funcionará no segundo andar da reitoria entre os dias 23 e 25 de setembro, a partir das 9h. A proposta desse Espaço é transmitir conhecimento de forma surpreendente e prazerosa, por meio de atividades como a oficina "Minha história no céu" – que parte das histórias mitológicas relacionadas às constelações para fazer com que os participantes criem suas próprias histórias, associadas aos grupos de estrelas que vemos no céu – e o projeto "Radialistas mirins", dirigido

a crianças de 3 a 5 anos de idade – que serão levadas à Rádio da Universidade para conhecer todos os setores da emissora, participando de brincadeiras com gravador e outras atividades lúdicas que visam auxiliar o desenvolvimento da imaginação, da linguagem e da fala. Essas e outras atividades são totalmente gratuitas, sendo que as escolas que desejarem participar do Espaço devem agendar a visita junto ao Museu da UFRGS, pelos telefones 3308-3159 ou 3308-3390.

Nos dias 23 e 24 de setembro, serão ministradas 43 oficinas, com inscrições abertas ao público, contemplando diversas ações de extensão, que vão do cinema à saúde. A carga horária das atividades varia entre uma e três horas. Os participantes receberão certificado e, caso sejam alunos da UFRGS, poderão tentar validar esse tempo das oficinas como horas complementares junto à respectiva Comissão de Graduação.

O Salão também oferecerá uma extensa programação cultural, composta por filmes, peças teatrais e apresentações musicais (*confira os detalhes no box ao lado*).

No último dia do evento, bolsistas e coordenadores de projetos de extensão poderão trocar experiências em encontros promovidos a partir das 14h. A comunidade em geral poderá participar das atividades, inscrevendo-se gratuitamente no 2.º andar da reitoria (Av. Paulo Gama, 110 – Câmpus Centro) ou pelo endereço eletrônico da Pró-reitoria de Extensão até dia 18 deste mês. Mais informações pelos telefones 3308-3206 ou 3308-3379.

Reconhecimento

Universidade conquista primeiro lugar no IGC

Segundo a avaliação do Índice Geral de Cursos da Instituição (IGC), divulgada pelo Ministério da Educação no início deste mês, a UFRGS aparece em primeiro lugar na soma de conceitos 4 e 5, na escala de 1 a 5 do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), consagrando-se como a instituição com o maior número de notas altas do país. Dos sete cursos com pontuação máxima no estado, cinco são da instituição: Arquitetura e Ur-

banismo, Ciências da Computação, Engenharia da Computação, Engenharia Elétrica e Matemática. O IGC é um indicador de qualidade de estabelecimentos de educação superior que considera, em sua composição, a qualidade dos cursos de graduação e de pós-graduação (mestrado e doutorado). A avaliação, que representa o desempenho de acadêmicos em 2008, exigiu a participação de alunos em 23 áreas do conhecimento.

Programação cultural

21/09 – SEGUNDA-FEIRA

Filme: A fraternidade é vermelha, de Krzysztof Kieslowski
Local e horário: Sala Redenção, às 19h

22/09 – TERÇA-FEIRA

Cortejo comemorativo ao 10.º Salão de Extensão
Local e horário de saída: Salão de Atos, às 12h30min

Filme: A vida dos outros, de Florian Henckel von Donnersmarck
Local e horário: Sala Redenção, às 19h

Concerto oficial OSPA-UFRGS em homenagem ao 10.º Salão de Extensão
Regência do Osman Gioia, tendo como solista convidado José Milton (trombone)
Local e horário: Salão de Atos, às 20h30min

23/09 – QUARTA-FEIRA

Show: Apresentação do grupo porto-alegrense Jazz Gig formado por Kiko Berwanger (bateria), Gabriel Soares (trompete), Leandro Hessel (piano elétrico), Gustavo Pessota (baixo), Luiz Mario Tavares (percussão), Vinicius Samios (guitarra) e Chico Gomes (trompete/Flugelhorn).
Local e horário: em frente à Faculdade de Educação, às 12h30min

Peça teatral: Projeto Maturizando Esquetes do Colégio de Aplicação
Projeto de extensão de teatro na maturidade, voltado à expressão artística de pessoas com mais de 50 anos
Local e horário: Salão de Festas, às 16h

Filme: Grand Canyon – Ansiedade de uma geração, de Lawrence Kasdan
Local e horário: Sala Redenção, às 19h

24/09 – QUINTA-FEIRA

Dança: Apresentação dos projetos "Dança na Esef" e "Viver faz a diferença"
Local e horário: Salão de Festas, às 12h30min

Oficina: Grupo Fato e seu processo de criação
Local e horário: Salão de Festas, às 17h30min

Filme: O fabuloso destino de Amélie Poulain, de Jean-Pierre Jeunet
Local e horário: Sala Redenção, às 19h

Show: Apocalypse

A banda apresenta composições próprias que misturam elementos do rock progressivo, jazz, eletrônico e sinfônico. Integram o grupo: Gustavo Demarchi (vocal e flauta), Ruy Fritsch (guitarra), Chico Fasoli (bateria e percussão), Magoo Wise (baixo) e Eloy Fritsch (teclados eletrônicos).
Local e horário: Salão de Atos, às 20h30min

25/09 – SEXTA-FEIRA

Recital: Bratschissimo
Conjunto de Violas do Departamento de Música da UFRGS composto pelos estudantes: Martinéz Galimberti Nunes, Caroline Malinski Argenta, Estela Kohlrusch e Isabel Wiebke
Local e horário: Salão de Festas, às 12h30min

Filme: Peixe grande e suas histórias maravilhosas, de Tim Burton
Local e horário: Sala Redenção, às 19h

Show: Grupo Fato

Grupo curitibano que utiliza a percussão com os pés (tamancos de madeira do fandango paranaense) aliada à percussão com instrumentos. Fazem parte do grupo: Grace Torres (teclados/voz), Zé Loureiro Neto (bateria/percussão), Priscila Graciano (percussão/bateria/voz), Felipe Hickmann (teclados/voz), Daniel Fagundes (voz/viola/percussão) e Ulisses Galetto (baixo/voz)
Local e horário: Salão de Atos, às 20h

UFRGS 75 Anos

Aula Magna sobre Darwin

Dentro da programação comemorativa aos 75 anos da Universidade, será realizada no dia 16 de setembro uma Aula Magna com o pesquisador Nélcio Bizzo, da Faculdade de Educação da USP. O professor, biólogo e autor do livro Darwin: do Telhado das Américas à Teoria da Evolução (*Odysseus*, 2002), falará sobre o tema "Charles Darwin: o postilhão dos Andes", no Salão de Atos, a partir das 10h. A entrada é franca.



UFRGS TV

Promoção da saúde

Doenças crônicas na infância

Os hábitos alimentares modernos incorporam cada vez mais alimentos de baixo valor nutricional, que podem ter sérias consequências no crescimento das crianças. Essas, por sua vez, vêm ocupando seu tempo mais com televisão, computador ou videogames do que com a prática de esportes ou de outras atividades físicas. Esse fator torna ainda mais importante o controle da alimentação, evitando o consumo excessivo de substâncias relacionadas à obesidade infantil. Para promover uma reeducação alimentar, foi implantado na Creche da UFRGS, em 2004, o Programa de Extensão Prevenção de Doenças Crônicas na Infância – Escola Promotora de Saúde, estendendo-se, em 2006, ao Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha.

"Desde 2000, a Organização Mundial da Saúde enfatiza que o trabalho de prevenção a doenças crônicas e vasculares só é eficiente se iniciado na primeira infância", afirma a professora Noemia Goldraich, coordenadora do programa. Em 2007, a incidência de sobrepeso em alunos ingressantes na Creche e no Instituto estava na faixa dos 20%. Esse percentual elevou-se para 40% nos alunos ingressantes de 2008. Contudo, os participantes do projeto conseguiram se manter dentro dos 20% iniciais.

A iniciativa, entretanto, não focaliza apenas a obesidade infantil. O trabalho, que começa com os alunos, visa reformular os estilos de vida das famílias, promovendo também atividades com os pais, como as oficinas de rótulos, nas quais se aprende a analisar a composição química dos produtos. "Os pais puderam se dar conta do que realmente está sendo consumido, do que está dentro daquele alimento e que a gente não percebe", afirma Regina Vieira, mãe de uma das crianças participantes do projeto.

O programa conta também com uma equipe de bolsistas e colaboradores que auxiliam nas diversas atividades. Segundo a professora Noemia, é oferecida aos estudantes a oportunidade de conviver com crianças saudáveis, o que difere do trabalho nos hospitais, em que o convívio se dá normalmente com pacientes. "Atuando na prevenção, atinge-se muito mais gente. É um resultado muito melhor do que se fôssemos tratar cada pessoa que desenvolveu hipertensão, diabetes, etc.", afirma Samanta de Rossi, estudante de medicina e bolsista do projeto.

Conrado Barreto, estudante do 4.º semestre de Jornalismo da Fabico

Assista aos programas

Para conhecer melhor as atividades do Escola Promotora de Saúde 2009, assista ao Conhecendo a UFRGS, que vai ao ar no dia 22 de setembro, às 21h30, na UNITY, canal 15 da NET POA.

Cidadania

Entidades promoveram Dia da Experimentação

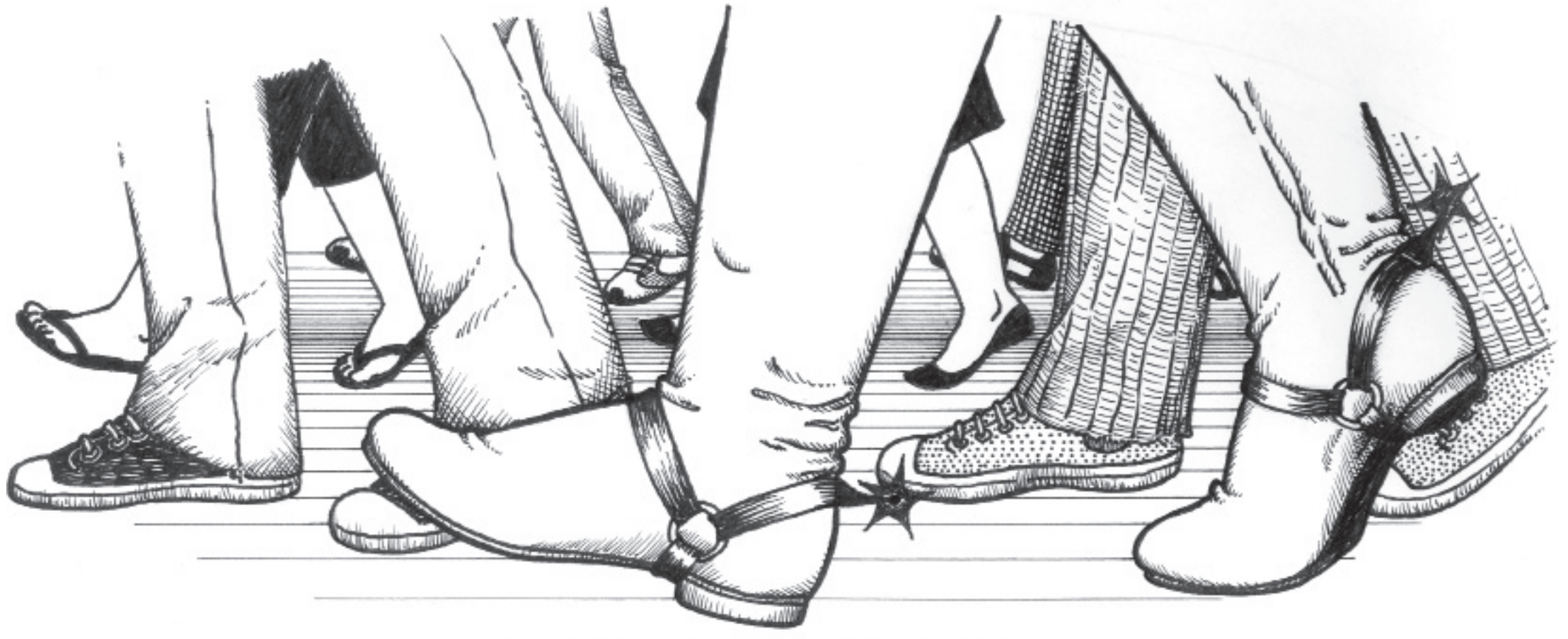
Os conselhos estadual e municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência realizaram, em 26 de agosto, na Praça da Alfândega, o Dia da Experimentação. A atividade procurou mostrar as dificuldades que pessoas com deficiência enfrentam para circular nos espaços públicos da cidade. Segundo o presidente do Conselho Estadual, Paulo Kroeff, a proposta foi interagir com a comunidade, expondo os problemas existentes quando a cidade não se adapta à legislação já existente. Kroeff, que é professor do Instituto de Psicologia da UFRGS, acredita que iniciativas como essa farão com que a sociedade passe a cobrar o cumprimento de seus direitos, além de promover a quebra de preconceitos e de barreiras comunicacionais. "Mas o principal é romper as barreiras atitudinais de pessoas que têm medo de interagir com os deficientes ou julgam que a deficiência do outro não é problema delas. A nossa sociedade precisa perceber a necessidade de criarmos uma cultura de defesa dos direitos de todos."



CADINHO ANDRADE/ZU



Reinventar as tradições, ainda e novamente



Jocelito Zalla*

Mais uma vez, ao nos aproximarmos das comemorações em torno do episódio farroupilha, os signos da identidade regional são retomados, atualizados e disputados. Homens e mulheres da política às artes, oriundos das mais variadas forças sociais e instruídos por matizes ideológicos diversos, reivindicam o “centauro do pampa” e traçam continuidades entre o gaúcho de outrora e suas próprias trajetórias, seus projetos e as ideias que representam.

A “sentinela das coxilhas” foi, historicamente, ao mesmo tempo alvo e produto de apropriações e interpretações diferentes e mesmo conflitantes. O romantismo da segunda metade do século XIX construiu, é bem verdade, um núcleo simbólico forte o suficiente para informar de maneira renitente representações e práticas sociais ao longo do século seguinte. Grosso modo, o campesino da Pampa, gaudério errante e depois peão da estância, foi pintado em cores vibrantes, elencado como símbolo da nacionalidade e herói da história regional. O meio físico e social marca seu caráter: percorrendo os vastos desertos verdes no lombo do seu cavalo, ele é guerreiro, bravo, trabalhador e livre.

Mas a história do mito também é permeada de transformações. Esteio do Brasil no Prata, defende com garra o território e luta contra a tirania, não importa de onde ela vier – do

além-fronteira, do Império Brasileiro ou dos próprios irmãos degenerados pelo poder. Pouco a pouco, o *ethos* campeiro contamina toda a sociedade. O campesino torna-se elite. O mito da democracia rural apaga as diferenças entre peão e patrão, e o gaúcho passa a figurar como o grande estancieiro. Seus valores e costumes são, enfim, apresentados como arrimo e legitimação da grande propriedade e, em seguida, de todo o *status quo*. A valorização da figura torna-o sinônimo de todo habitante do estado, e o gentilício “gaúcho” rompe, enfim, a oposição campo e cidade. Se todos somos gaúchos, os ideais por eles defendidos viveriam em nossas almas e marcariam nosso semblante. Trata-se, ainda e novamente, de definir tais ideais.

Um novo e importante capítulo da construção simbólica do gaúcho e da identidade regional nele fundamentada tem lugar na produção acadêmica desenvolvida a partir do final dos anos 70 e, principalmente, na década seguinte. A nova geração de intelectuais renega e desconstrói a literatura regionalista (romântica e ufanista), e a historiografia tradicional analisa, na sequência, o ainda recente *movimento tradicionalista*. O tom de denúncia marca suas páginas e as ligações dos eruditos do passado com a elite latifundiária são apontadas. O conceito de “ideologia”, fundamentado em uma perspectiva marxista ortodoxa, separa mito e realidade, e o

Mais uma vez, a academia reinventa as tradições, com uma crítica aberta e plural

universo gauchesco é encarado como invenção justificadora das classes dominantes. A esquerda política organizada assume a avaliação acadêmica e passa a desmascarar os usos do mito. Para lutar contra a exploração social no Rio Grande do Sul, é necessário atacar a fábula gaudéria.

Este tipo de interpretação só muito recentemente começou a ser matizada. Nos últimos anos, pesquisas em Antropologia Social e novas dissertações e teses em História passaram a questionar o mecanicismo das análises anteriores. Buscando referências e aportes teóricos em trabalhos como o do sociólogo Pierre Bourdieu e dos especialistas da chamada *Nova História Cultural*, o foco dos estudos tem-se deslocado da desmistificação para o exame da construção social da realidade. Práticas e discursos ganham o mesmo peso na elaboração do real e a denúncia cede espaço à compreensão.

Os desenvolvimentos dessa produção intelectual ainda nos escapam ao horizonte, mas o certo é que, novamente, a figura do gaúcho transforma-se. E, mais uma vez, a academia reinventa as tradições, com uma crítica aberta e plural e que, ao mesmo tempo, desconfia das aparências e evita soluções fáceis. O papel do cientista social na elaboração do seu objeto, então, evidencia-se e torna-se outro foco de reflexão.

Dessa forma, o cenário das disputas simbólicas em torno da identidade regional se descortina ao cientista, mas também ao militante. Novos arranjos parecem possíveis e a esquerda entra no jogo identitário não mais para negar, mas para reconstruir o gaúcho popular e carregá-lo de ideais libertários. O que veremos nos próximos dias será mais um episódio desse embate - afetado, entretanto, pelas aparas do nosso tempo. Esquerda e direita, tradicionalistas e leigos, ciência e senso comum encherão as páginas dos jornais locais, conclamando irmãos, narrando e celebrando feitos, analisando práticas e discursos, desconstruindo (ainda) mitos e emblemas e, de alguma forma, consciente ou inconscientemente, posicionando-se na longa batalha pela definição de nossa identidade coletiva.

* Licenciado e bacharel em História pela UFRGS, mestrando em História Cultural

O inesquecível inverno de 2009

Luciano Z. Goldani*

Já sabíamos que mais cedo ou mais tarde iríamos nos deparar com uma nova pandemia por Influenza. As estratégias de prevenção ao aparecimento dessa pandemia por um vírus Influenza estruturalmente novo, bem adaptado à espécie humana e com alto poder de disseminação, são praticamente impossíveis, ao contrário da previsível Influenza sazonal. As experiências com casos isolados e esporádicos de Gripe Aviária e Suína em humanos, e as epidemias de Gripe Espanhola, Asiática e Hong-Kong foram importantes para o enfrentamento da Influenza A (H1N1), mas ainda são insuficientes, considerando-se que cada epidemia por Influenza possui características próprias e distintas das anteriores. Quem diria, por exemplo, que o grupo menos acometido e com menor mortalidade pela Influenza A seria o de pessoas com idade superior a 65 anos, e que adultos jovens saudáveis acometidos pelo vírus poderiam desenvolver pneumonia com uma rápida evolução para insuficiência respiratória e óbito? Surpreendentemente, dados observacionais demonstraram que até a obesidade poderia ser um possível fator de risco para o desenvolvimento de formas graves. Nossa sorte é que, apesar da Influenza A se disseminar em

menos de 6 meses por países de todos os continentes, sua letalidade é baixa, ao contrário da Gripe Aviária.

O Brasil adotou uma estratégia centralizadora nas suas decisões de combate à pandemia. Com o temor da entrada da Gripe Aviária no Brasil, tínhamos comprado um grande estoque do medicamento antiviral oseltamivir, que começou a ser distribuído principalmente para as Secretarias de Saúde dos estados mais acometidos, como Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. Foi implementado um protocolo para o tratamento com oseltamivir de casos graves e de pacientes pertencentes aos grupos de risco. Três laboratórios, entre eles a Fiocruz, realizariam os exames confirmatórios por RT-PCR para todo o Brasil.

A partir dos primeiros casos descritos no México, em abril deste ano, tivemos o pico da epidemia no Rio Grande do Sul em julho e início de agosto, no auge do inverno. O início das aulas foi prorrogado, inúmeras pessoas adiaram suas viagens, começaram a aparecer as campanhas de prevenção com ênfase na higienização das mãos. Nesse sentido, os primeiros óbitos começaram a ser divulgados pelos veículos de comunicação envoltos em

uma atmosfera de alarmismo.

Inicialmente, os hospitais de referência do estado, como o Hospital Conceição e o Hospital de Clínicas de Porto Alegre, foram encarregados de atender aos primeiros pacientes suspeitos, provenientes de países com níveis epidêmicos da Influenza A. Com o aumento progressivo do número de casos decorrentes da circulação do vírus no estado, a Secretaria de Saúde estruturou um comitê de enfrentamento – com a participação de várias entidades e sociedades médicas – e começou progressivamente a descentralizar o atendimento a pacientes com síndrome gripal, encaminhando-os aos postos de saúde. Também tornou mais flexível, a critério do médico, o uso da medicação antiviral. A demanda de assistência ventilatória e de respiradores por pacientes com formas graves lotaram as unidades de tratamento intensivo. As cirurgias eletivas foram suspensas. Só se falava de Gripe A.

Infelizmente, os laboratórios de referência não conseguiram suprir a demanda de exames necessários para a confirmação de casos graves e óbitos que ocorriam em diversas regiões do estado – o que dificultou, de certa forma, uma análise mais dinâmica do comportamento da epidemia. Dados preliminares já apontavam o

Rio Grande do Sul como o estado com o maior número de óbitos, em função das questões climáticas e de fronteiras com países com alta incidência de H1N1, como a Argentina. Pecamos por não organizar uma estratégia latino-americana hegemônica de enfrentamento à pandemia que não esbarrasse em fronteiras e barreiras culturais. Ficam as lições para traçarmos novos planos de prevenção e combate para uma próxima epidemia ou uma segunda onda do temível vírus H1N1. Os países do hemisfério norte começam a partir de outubro a vacinar a sua população contra a Influenza A. Dessa vez, precisamos ser melhores espectadores. A priorização dos principais grupos de risco a serem vacinados será fundamental para uma demanda, que inicialmente será maior que a de vacinas produzidas. Nesse sentido, será fundamental uma logística adequada para vacinarmos ao mesmo tempo uma população contra a Influenza sazonal e a Influenza A, principalmente levando-se em conta os grupos de risco distintos.

* Professor-associado da Faculdade de Medicina da UFRGS

Incentivo à produção familiar

Agricultura

Nova lei da merenda escolar favorece pequenos proprietários rurais

Arroz, feijão, legumes e frutas. Esse é o prato principal servido nas escolas públicas, com pequenas variações. Os alunos, além de aprenderem a ler e a escrever, a somar e a subtrair, estudam a importância da alimentação saudável. A partir de agora, a origem dos alimentos será outra, o que promete melhorar sua qualidade.

No mínimo 30% dos alimentos comprados pelas prefeituras municipais para a merenda escolar deverá ser proveniente da agricultura familiar local. É o que determina a Lei 11.947/09, regulamentada em junho deste ano, que prenuncia o desenvolvimento das lavouras familiares em todo o país. Os benefícios serão sentidos tanto por alunos como por agricultores e governantes, pois a expectativa é de que as condições de vida dos pequenos produtores melhorem, juntamente com o aumento da qualidade da refeição oferecida aos alunos.

A importância da agricultura familiar e sua relação com a merenda escolar foi um dos assuntos abordados no 47.º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (Sober), realizado na UFRGS em julho. Com o tema *Desenvolvimento rural e sistemas agroalimentares: os agronegócios no contexto de integração das nações*, o evento integrava as comemorações de 10 anos do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural.

Hora do lanche – Os cardápios servidos nos colégios variam bastante em todo o país, pois o respeito às particularidades de cada região e à cultura local é um dos princípios do programa de alimentação escolar. De um modo geral, a legislação brasileira apresenta recomendações para o menu, seguindo as diretrizes da Organização Mundial da Saúde, como o fornecimento de nutrientes e vitaminas. Por isso, a refeição básica continua sendo o tradicional feijão com arroz.

Para valorizarem os alimentos oferecidos, as crianças e os adolescentes precisam conhecer a importância da nutrição saudável. A subcoordenadora de pesquisa do Centro Colaborador em Alimentação e Nutrição do Escolar (Cecane-UFRGS), professora Ilaine Schuch, afirma que o assunto deve ser inserido no currículo escolar desde as séries iniciais. Eliziane Ruiz, nutricionista do Cecane, explica: “Atividades como

horta, alunos preparando os próprios alimentos, professor de matemática indo pra feira com os estudantes, tudo isso ajuda na construção de hábitos saudáveis”. Além disso, o debate sobre alimentação colabora para que as crianças controlem seus impulsos por bolachas recheadas e refrigerantes. Para Eliziane, a merenda auxilia no rendimento escolar e no desenvolvimento não só biológico, mas também psicossocial da criança. “A alimentação escolar é construtora de cidadania.”

Os programas de alimentação escolar surgiram, oficialmente, no Reino Unido em 1920. No entanto, há registros de que, dez anos antes, já existia no Uruguai um projeto semelhante. Na década de 30, os Estados Unidos aderiram à iniciativa, o que popularizou a medida entre os países americanos.

No Brasil, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAEs), vinculado ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), é responsável por repassar aos municípios o valor correspondente à alimentação escolar – cerca de R\$ 2,2 bi. Neste ano, 47 milhões de alunos são atendidos por dia. A coordenadora geral do PNAEs, Albaneide Peixinho, esclarece que houve aumento do número de alunos beneficiados devido à expansão do projeto. “Agora, são atendidos estudantes da Educação Infantil até o Ensino Médio, abrangendo inclusive a Educação de Jovens e Adultos. Isso confere universalidade ao programa, que cobre todas as áreas do país.” Apesar da ampliação, ainda há dúvidas sobre o valor nutricional de cada refeição. Como o investimento por refeição é muito baixo – média de R\$ 0,22 por aluno a cada dia letivo –, há dúvidas sobre se os alimentos são de qualidade suficiente para garantir a nutrição saudável dos brasileiros. “Na verdade, as prefeituras deveriam complementar esses recursos, mas são poucas as que realmente o fazem”, lamenta Eliziane.

“Na verdade, as prefeituras deveriam complementar esses recursos, mas são poucas as que realmente o fazem”

Mangia che te fa bene – A importância da merenda escolar no atual cenário brasileiro é tal que ela pode ser considerada o elemento-chave para a segurança alimentar nacional. A reeducação nutricional estimulada na escola é o começo da mudança nos hábitos alimentares. Albaneide



A merenda auxilia no rendimento escolar e no desenvolvimento psicossocial da criança

observa que “o grande problema do Brasil, em termos alimentícios, deixou de ser a desnutrição e passou a ser a obesidade”. Por essa razão, ela destaca a importância de garantir o direito humano à alimentação adequada, com a quantidade de nutrientes apropriada às necessidades dos alunos. A professora Iliane concorda com o fato de as principais doenças hoje relacionadas à alimentação são decorrentes não da carência de nutrientes, mas do excesso. “Os problemas mais comuns são o sobrepeso e a obesidade. E cada vez mais precocemente aparecem outras consequências, como hipertensão e diabetes.” Conforme a professora, isso se deve à alimentação inadequada, e não à falta dela.

O grande avanço da nova legislação destacado pelos especialistas é o reconhecimento da alimentação como um direito, o que modificará a visão sobre a merenda escolar. Para o presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), Renato Maluf, “o desenvolvimento da agricultura familiar se encontra no núcleo da política de segurança alimentar”. No entanto, alerta que apenas as mudanças na le-

gislação não garantem a soberania alimentar dos brasileiros, pois a norma se refere a um componente isolado da questão. Segundo ele, o Consea exerceu grande influência sobre a determinação da Lei 11.947/09, pois participou ativamente do processo de construção do conteúdo da norma, além de mobilizar conselheiros e entidades parceiras para incentivar a votação da proposta.

A expectativa é de que a taxa de aquisição de alimentos oriundos da agricultura familiar ultrapasse o mínimo, já que essa prática representa também a diminuição das despesas para o comprador. “Esperamos que o repasse seja maior que 30%, pois os prefeitos verão que há redução dos custos de transporte, armazenamento e conservação dos alimentos”, explica o coordenador do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), Luiz Humberto da Silva. A tendência é a redução dos produtos enlatados e processados, o que melhora a qualidade da refeição oferecida.

Leila Ghorzi, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabc

“No Brasil, a Reforma Agrária já foi feita”

Retirada do contexto, a frase pode parecer insensata. Entretanto, José Graziano da Silva, representante da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação na América Latina e Caribe, declara que o país possui 1 milhão de famílias assentadas em terras anteriormente improdutivas. O número representa uma grande mudança no sistema produtivo do país. Segundo ele, nesse momento é necessário consolidar a reforma, com a criação da estrutura necessária para a produção familiar, como incentivos financeiros e distribuição de sementes. Graziano, presente no 47.º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, diz que o problema é que os grandes produtores não são bons pagadores, e os pequenos agricultores rurais são prejudicados por isso. “A quase totalidade do valor que os grandes devem foi amortizada. As consequências são juros altos e dificuldade de obtenção de crédito para a produção familiar.” Esse quadro tende a mudar com a publicação da Lei Federal 11.947/09, que determina que os

municípios devem investir no mínimo 30% dos recursos para a merenda escolar em produção local.

Os estabelecimentos familiares, cerca de 4 milhões no Brasil, sustentam a agricultura brasileira. “O setor é responsável por 70% dos alimentos que todos os dias chegam à mesa dos brasileiros”, esclarece o presidente do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), Renato Maluf. Para ele, a segurança alimentar e a agricultura familiar estão fortemente interligadas.

A nova regra aponta a preocupação também com os assentamentos da reforma agrária e com as comunidades tradicionais indígenas e quilombolas. Os alimentos produzidos por essas famílias terão prioridade sobre os demais produtos. A aquisição poderá ser feita sem licitação, desde que os preços sejam compatíveis com o mercado vigente e apresentem a qualidade exigida nos termos da lei.

Para participarem do projeto, os agricultores devem organizar-se em um grupo formal (empreendedores familiares

rurais constituídos em cooperativas e associações) ou em um grupo informal (agricultores familiares organizados), com Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. O coordenador do Programa de Aquisição de Alimentos, Luiz Humberto da Silva, esclarece que as prefeituras e os produtores deverão informar os valores negociados e o volume de produto comercializado, para que haja o controle da eficácia da nova lei. “O máximo permitido atualmente é de R\$ 9 mil por ano para cada agricultor, para evitar o superdesenvolvimento de um em detrimento de outros.” Os agricultores e gestores públicos que desejarem mais informações sobre o Programa podem acessar o site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) (<http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/programas/alimentacaoescolar>). Ele reúne a legislação e outras dicas úteis, como o passo a passo para a aquisição de alimentos dos produtores familiares sem necessidade de licitação, além de dados da agricultura familiar e da alimentação escolar no país.



Vivendo a realidade do outro

Projeto Convivências Iniciativa extensionista leva estudantes a trocar experiências com moradores de rua e trabalhadores rurais

O café com leite foi servido bem quente para espantar o frio da manhã de julho no último encontro do Projeto Convivências Urbano. O cenário, o andar superior do prédio do Restaurante Popular, localizado no Centro de Porto Alegre, junto à Estação Rodoviária, onde se realizou uma das oficinas de alimentação saudável do projeto. Entre 15 e 23 de julho, um grupo de 10 alunos da UFRGS aproveitou o recesso escolar para entender a realidade de quem vive nas ruas. A interação entre esses dois públicos se fez com uma fórmula simples: a conversa e, por extensão, a confiança.

Desde 1992, o Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Pró-reitoria de Extensão da Universidade desenvolve o Projeto Convivências. O trabalho sempre foi voltado para o campo, mas neste ano a troca de experiências ocorreu também no âmbito da cidade. “O Convivências não tem o viés da inclusão ou exclusão, mas sim da convivência. Acreditamos que é por meio desse convívio que se transforma a sociedade”, define Sinara Robin, socióloga e coordenadora geral do projeto. Para ela, a variedade de alunos de diferentes cursos contribui para a formação crítica dos participantes.

Aproximação – Como promover o contato entre duas realidades tão distintas? Partir da ideia da troca de experiências, em lugar de demonstrar conheci-

mento, é um bom caminho. “Durante uma semana, trabalhamos a chegada dos alunos com os moradores de rua. Sem essa preparação, talvez o Convivências Urbano não tivesse ocorrido”, esclarece Themis Dovera, professora da Escola de Enfermagem, ressaltando que, antes do início do projeto, foram realizadas reuniões com estudantes, técnicos e professores.

Fernando Fuão, docente da Faculdade de Arquitetura e também integrante do grupo, concorda: “Invertamos a lógica porque, na verdade, quem tinha alguma coisa para aprender eram os estudantes. É uma troca, mas nós fizemos os moradores de rua entenderem que eles é que estariam recebendo os alunos”.

Themis participa das atividades no Restaurante Popular desde março, quando passou a colaborar com o Projeto Começar de Novo da Organização Não Governamental Fundação Solidariedade (FundSol).

Oficinas – Durante o Convivências Urbano foram formados grupos para atividades envolvendo o artesanato, a alimentação saudável, a construção civil para a reforma de um banheiro no Restaurante e a fabricação de sabão em barra – esta última, coordenada pela estudante de Geografia Marília Guimarães. “Além de ensinar a fazer sabão com materiais simples, utilizando caixas de leite como fôrmas, discutimos como gastar o dinheiro”, lembra Marília.

O projeto também atuou na organização de uma biblioteca no andar superior do Restaurante. Os livros já estavam no espaço, mas a parceria possibilitou a organização dos títulos por assuntos. Lucas Castro, aluno de Arquivologia, foi um dos responsáveis: “Observava a situação das pessoas que vivem na rua e queria ajudar, mas não sabia como”. Seu irmão, Raphael Castro, estudante de Engenharia Metalúrgica, admite que não via os moradores de rua com bons olhos, “mas o Convivências quebrou o preconceito. Me apaixonei por eles”.

Voltando para casa – O cozinheiro Gilson Fuentes saiu de casa em razão de atritos com familiares em

Foz de Iguaçu e chegou a Porto Alegre sem ter onde morar. “Conseguir emprego foi fácil, difícil foi dizer que eu estava na rua.” Trabalhando como auxiliar de cozinha, Gilson passa as noites no Albergue Municipal e costuma almoçar no Restaurante Popular. Foi assim que começou a participar do Projeto Começar de Novo quatro meses antes de do Convivências na oficina de alimentação. “Conheci pessoas e contei a minha história. Elas me ajudaram a tomar a decisão certa: perdoar e voltar para casa.” Em uma semana, Gilson voltaria à Foz de Iguaçu para reencontrar a filha e a esposa.

Como tudo começou – O envolvimento dos extensionistas da UFRGS com a população em situação de rua que frequenta o Restaurante Popular começou no início deste ano. A iniciativa foi da professora Themis, convidada por Tania Guimarães da Silva, voluntária da ONG Fundação Solidariedade (FundSol).

Há três anos, Tania está à frente do Projeto Começar de Novo, cujo objetivo é fornecer orientação sobre serviços de albergagem, hospitais e formação de representações em audiências públicas. Ela diz que, de lá para cá, a busca pela cidadania e pela politização ganhou cada vez mais espaço e que as reuniões diárias têm tido como foco o esclarecimento de direitos e deveres. “É uma população que vive à margem. Quando ficam doentes, são discriminados e maltratados até nos pronto-socorros”, denuncia.

“No início, o pessoal ia por causa do almoço, mas aos poucos foram se sentindo importantes no contexto, e isso é fundamental”, lembra Themis. Já o professor Fernando percebeu que o espaço no Restaurante Popular era subutilizado, “mas cheio de possibilidades para a geração de renda e lazer”. Em razão disso, está elaborando um projeto com alunos da graduação para o aproveitamento do segundo pavimento do Restaurante.

Samantha Klein, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico



Alunos do curso de Arquivologia da UFRGS auxiliaram na organização de uma biblioteca para os frequentadores do Restaurante Popular, situado no Centro de Porto Alegre

CACINHO ANDRADE/JU

Um exercício de humanização

O Projeto Convivências surgiu com o intuito de levar estudantes, professores e técnicos para o meio rural, oportunizando a vivência com famílias de assentamentos ou comunidades remanescentes de quilombolas das cidades próximas a Porto Alegre. Os encontros entre os diferentes saberes acontecem em duas edições por ano nos períodos de recesso acadêmico. Entre 24 e 30 de julho, os selecionados no Projeto Convivências Rural foram para os assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) do município de Nova Santa Rita.

A exemplo do que ocorre a cada edição, alunos, professores, moradores de rua e representantes do MST se reuniram no final do projeto para uma autoavaliação coletiva dos resultados. O relatório é informal e cada um conta o que viveu nas oficinas no Restaurante Popular e nos assentamentos de Nova Santa Rita.

Os alunos enviados ao campo relataram o convívio com as famílias e as atividades de conhecimento das rotinas do campo, enquanto o grupo que atuou na cidade falou sobre a realidade de quem vive na rua. O estudante de Ciências Sociais Edson Mendes Júnior conta como foi sua experiência: “Fugindo do discurso do foi bom ou ruim, a experiência de participar do Convivências faz você enxergar o outro”. Ele admite que, embora houvesse o obstáculo do cheiro e do compartilhar o alimento, a maior parte das barreiras foi superada.

“É bom se integrar ao pessoal de melhor estudo. Eu aprendi muito, e eles também com o nosso conhecimento da vida”, declara Gilson Rosa e Silva, integrante do projeto Começar de Novo, que desde março frequenta as oficinas do Convivências. Gilson é pintor e trabalha na construção civil, mas está desempregado e vive no Albergue Municipal. Sobre as noites em que não conseguiu vaga no albergue, comenta: “Nas madrugadas mais frias me obriguei a usar droga, do contrário não aguentaria”. Até o último dia do Convivências Urbano, Gilson estava há cinco dias sem consumir qualquer entorpecente. Os próximos objetivos são conseguir emprego e continuar participando das reuniões do Começar de Novo.

“É uma experiência de humanização”, conclui Paulo Amaral Martins, eletricitista que vive em albergue, participa dos projetos no Restaurante Popular e está escrevendo um livro para contar histórias de outros 30 moradores de rua.

Dois pontos

A ACENTUAÇÃO GRÁFICA (II): acento diferencial

A título de curiosidade, antes de 1971, com as modificações ortográficas promulgadas pela Lei 5.765, escrevamos *ele* (pronomes pessoais) para diferenciar de *ele* (nome da letra), *pilôto* (substantivo) para contrastar com *piloto* (verbo), etc. Com a reforma daquele ano, esses casos foram suprimidos. Comprimido às paredes dos acordos, o acento diferencial, agora, reduz-se a dois casos obrigatórios. Dos oito pares de vocábulos que mantinham o acento diferencial até o atual Acordo, restaram dois obrigatórios e dois facultativos.

Prescreve o Acordo atual:

– a **obrigatoriedade** do circunflexo na forma ver-

bal *pôde* (3.ª pes. do sing. do pret. perf. do ind.) em distinção a *poede* (3.ª pes. do sing. do presente do ind.); e em *pôr* (infinitivo verbal) em distinção a *por* (preposição).

É facultativo – recomendado, para efeito de clareza – o uso do acento nas formas *dêmos* (1.ª pes. do pl. do pres. do subj.), distinta de *demos* (1.ª pes. do pl. do pret. perf. do ind.); *fôrma* (subst.), distinta de *forma* (subst. ou verbo no pres. do ind. ou no imperativo). Possivelmente, cause maior estranheza a saída do acento no verbo *parar* (*pára*, 3.ª pessoa do sing. do pres. do ind.), diferencial de *para* (preposição). Ficam também sem acento os vocábulos derivados do verbo: *para-choque*, *para-raios*, *paraquedas*. Permanece o acento para marcar o plural do verbo *ter*: *têm* (3.ª pes. do pl. do pres. do ind.) em ante-

posição a *tem* (3.ª pes. do sing. do pres. do ind.) – e nos verbos derivados, como *manter*, *reter*, *acentuados* no singular (*mantém/mantêm*). O mesmo acontece com o verbo *vir*: *ele vem*, *eles vêm* – e nos derivados *advir*, *provir*, etc. (*provém/provêm*).

Breve histórico do (des)acordo (III)

Por a comunidade dos países de língua portuguesa compreender região tão vasta quanto distinta, com mesclas linguísticas regionais muito peculiares, estabelecidas especialmente pelas particularidades culturais, a unificação via administrativa se revelou inócua. Abrindo mão, pela inviabilidade demonstrada nas tentativas de 43, 71, 86 de uma unificação absoluta – que propunha, por exemplo, a simplifi-

cação drástica do sistema de acentuação (sobre o que alguns brasileiros exultariam!) –, a revisão do Acordo de 1990 trouxe uma equação menos integral e contemplou particularidades, especialmente vinculadas à distinção de pronúncia dos países lusófonos. Nesse sentido, o Acordo, visto e revisto, visa à unificação ortográfica. Consta do Anexo II ao texto de 1990, redigido na reunião de Lisboa: “[...] importa, pois, consagrar uma versão de unificação ortográfica que fixe e delimite as diferenças atualmente existentes e previna contra a desagregação ortográfica da língua portuguesa” (VOLP, 5.ª ed., pág. XXXIV).

Antônio Falcetta, revisor de textos
antonio.falcetta@secom.ufrgs.br



O mais festejado calouro do IA

Academia
História da Arte é uma das sete novas graduações oferecidas no próximo vestibular

Esta edição do Jornal da Universidade inaugura uma série dedicada a apresentar os novos cursos de graduação da UFRGS. Para o vestibulando, as opções trazem consigo dúvidas inevitáveis – a maioria referente às grades curriculares. Entre os cursos estreados está o de História da Arte, que será o terceiro no país, chegando após os recém-abertos nas universidades estadual e federal do Rio de Janeiro.

Após a divulgação nos veículos de comunicação, os telefones das redações têm sinalizado que, entre os cursos novatos, História da Arte é o mais procurado – ou, no mínimo, o que mais desperta a curiosidade – por quem pretende prestar o vestibular 2010 da UFRGS (as inscrições estão abertas desde o dia 2 de setembro).

Para o reitor Carlos Alexandre Netto, as novas opções acadêmicas atendem a duas correntes distintas: a primeira, que contempla áreas nas quais havia uma demanda reprimida, como as graduações em História da Arte e em Serviço Social; e a segunda, englobando os cursos que oferecem formação em setores inovadores, cujo mercado de trabalho ainda está em fase de consolidação, como Engenharia Física, Engenharia de Energia e Biotecnologia. No caso da graduação em História da Arte, ele acredita que o curso tem a ver com uma característica de valorização da cultura, própria do povo gaúcho. Além disso, Carlos Alexandre considera que essa nova graduação poderá atrair candidatos mais maduros ou que já possuam formação universitária e desejem dar um novo rumo à sua atuação profissional.

Já que a procura é grande, não partamos para o próximo parágrafo sem rápidas antecipações: o curso será noturno com aulas no Instituto de Artes (IA), localizado no Câmpus Centro, e o ingresso se dará mediante aprovação no vestibular (30 vagas), sem prova específica.

Currículo – A grade curricular prevê oito semestres voltados a uma formação não apenas para a pesquisa e para a crítica, mas também para a atuação em instituições culturais: “O historiador da arte precisa de um amadurecimento em relação ao meio em que irá atuar. Disciplinas como Seminário de Produção Cultural e Museologia da Arte, por exemplo, irão oferecer um aspecto mais pragmático no que se refere à atuação profissional”, salienta Luís Edegar de Oliveira Costa, docente de História e Teoria da Arte do Departamento de Artes Visuais do IA.

O professor, indicado como prová-

vel diretor do curso, sublinha o caráter interdisciplinar do currículo, representado por cadeiras já existentes em outros cursos, como Filosofia da Arte: “Queremos receber contribuições de outras áreas. Isso não significa que formaremos historiadores da arte para atuar como jornalistas culturais ou antropólogos, mas que observamos a existência de várias instituições que estão crescendo em termos de programação. O historiador da arte precisa de uma base razoável em termos de produção cultural, além de uma interlocução entre esses agentes culturais que estão mais na ponta”.

Alfredo Nicolaiewsky, diretor do IA, propôs a criação do curso tão logo a oportunidade se apresentou por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (Reuni). Ele irá ministrar a disciplina Práticas Artísticas, que envolverá visitas a ateliês, aulas de preparação de voz e ensaios tanto de orquestras como de peças teatrais: “A ideia é ensejar o contato com as técnicas. Hoje, um aluno das Artes Visuais que tem a disciplina de História da Arte pratica pintura, desenho e gravura, mas o curso de História da Arte é teórico. Pode entrar quem não saiba a diferença entre uma xilogravura e uma litografia, entre uma pintura em acrílico e uma pintura a óleo. A cadeira Práticas Artísticas o levará a conhecer as técnicas”, explica Nicolaiewsky. Diretor do Instituto de Artes de 2002 a 2006, Círio Simon entende que isso faz parte da especificidade da área: “O historiador da arte precisa ter tido uma experiência estética”, pondera.

Após estudos teóricos sobre crítica de arte, haverá uma disciplina para exercitar a escrita: “A proposta é capacitar o aluno para exercer a atividade do crítico”, afirma o professor Luís Edegar. No último ano, integram a grade curricular dois estágios em instituições culturais. Mas em nenhuma cadeira o caráter interdisciplinar do curso é mais evidente que em três eletivas: Tópico Especial I, II e III. Espécie de camaleão

“As pessoas que estão envolvidas e que têm formação viam a necessidade de que houvesse esse curso”

Luís Edegar de Oliveira Costa

do currículo, o Tópico Especial se ajusta a um determinado contexto, aprofundando temas específicos: “O conteúdo não é fixo. A cadeira é versátil, com programa sempre aberto”, esclarece Nicolaiewsky. Luís Edegar exemplifica: “Digamos que um especialista em antropologia da imagem venha ao Brasil por seis meses. Ele irá proporcionar ao estudante conteúdos que não podemos prever no currículo”, ressalta, lembrando ainda a possibilidade de participação de professores de outros departamentos da Universidade.



A formação de profissionais comprometidos com a valorização da arte contribuirá para atrair novos públicos

Essa parceria entre departamentos foi crucial para a elaboração do currículo, e a tendência é que a interação continue. A Comissão de Graduação integrará o Departamento de Artes Visuais, mas o curso terá disciplinas partilhadas com a Música e com as Artes Dramáticas. O incentivo ao diálogo com outras áreas funciona como uma alternativa interessante: “Não formaremos jornalistas culturais, mas há como cursar Jornalismo e fazer disciplinas em História da Arte como ‘curso dois’. O mesmo vale para alunos nossos que forem à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação complementar sua formação”, exemplifica Nicolaiewsky.

Assim, ampliam-se os ambientes para os quais o aluno pode direcionar seus estudos: “A formação é permanente e, tendo esse espaço na Universidade, o estudante pode se aproximar do que seria o ideal: a democratização do currículo”, nota Círio Simon.

“Correndo na frente, atendendo tarde” – Aparentemente contraditória, essa frase do professor Luís Edegar reconhece o pioneirismo da UFRGS na inauguração do curso sem esquecer que a demanda por uma graduação em História da Arte já se apresentava há bom tempo.

O professor Nicolaiewsky lembra uma situação que ilustra isso. Em uma mesa repleta de críticos, jornalistas e teóricos da arte, o crítico Tadeu Chiarelli, da USP, teria dito: “Ninguém de nós tem formação em História da Arte”. De fato, no Brasil, os historiadores da arte são egressos de graduações como

Filosofia, História, Letras, Jornalismo ou Artes. Todos os intelectuais que dividiam a mesa com Chiarelli haviam se qualificado em pós-graduações, mas atuavam em uma área que, justamente por já estar profissionalizada, carecia de formação básica: “Agora haverá uma geração com uma boa base desde a graduação”, diz o diretor do IA.

Círio Simon reforça: “Sou doutor em História da Arte do Brasil, mas minha formação de mestrado foi na área de Educação e a graduação em Artes Plásticas. Quando cheguei ao doutorado, todas aquelas ‘escadinhas’ da graduação e do mestrado estavam faltando”, comenta, destacando, também, a porta que se abre para a formalização de uma categoria profissional: “As associações têm o papel de defender o profissional, e vejo que o historiador da arte também irá se congregar. Para isso, não há sementeira melhor que um curso de graduação”, completa.

O curso pode ser relevante para a região: o fortalecimento das instituições culturais locais contribui para que o estado seja atraente para receber exposições e mais ativo no ofício de zelar por acervos. Isso sem falar de municípios como Rio Pardo e Rio Grande, cujos patrimônios culturais representam possibilidades tanto de trabalho quanto de pesquisa para historiadores da arte. Motivos não faltam para que o Instituto de Artes receba com festa o seu calouro. Em caso de trote, certamente não faltará tinta.

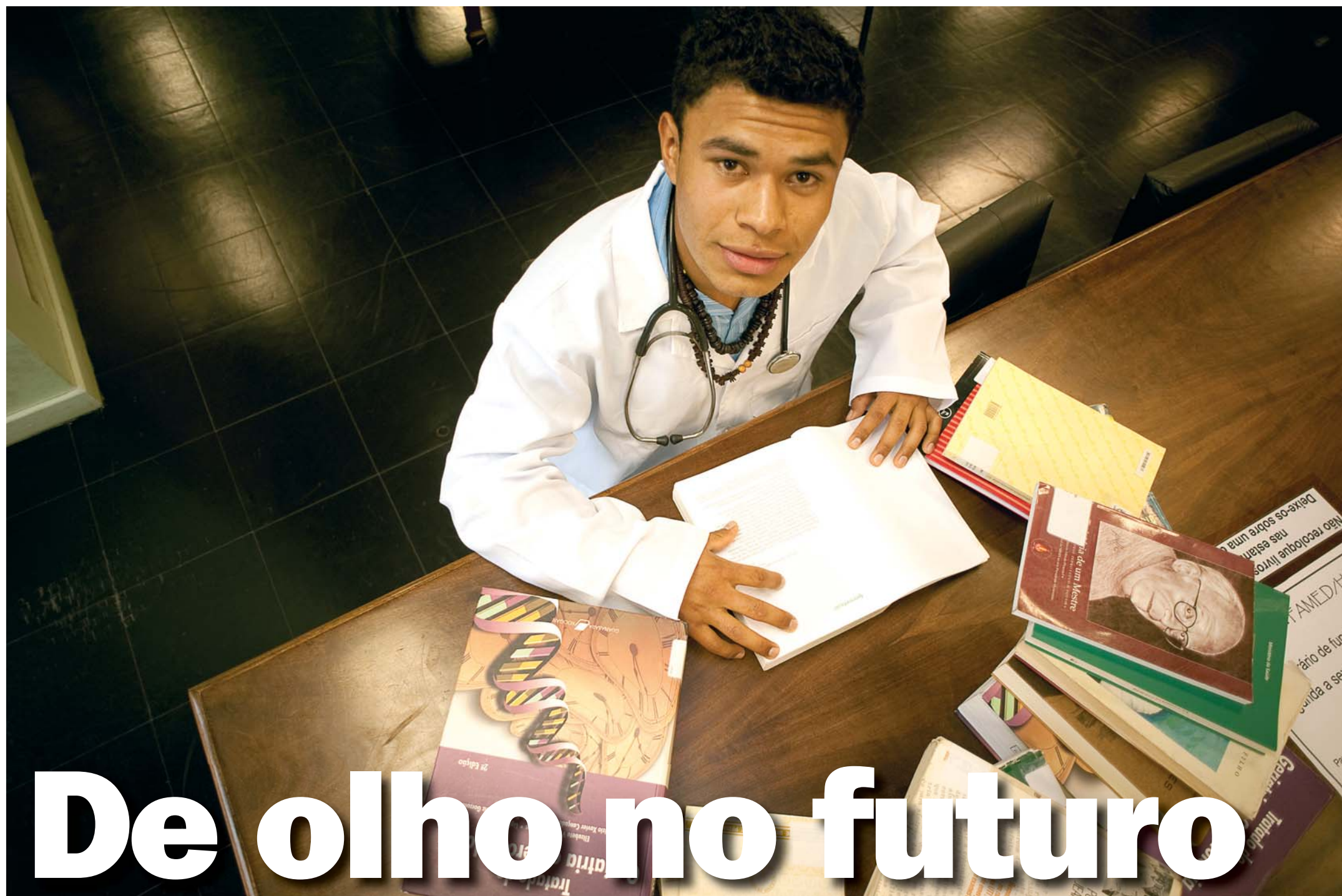
Demétrio Rocha Pereira, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Pela valorização das obras

Argumentando sobre a importância de não relegar as obras de arte ao esquecimento, Círio Simon, ex-diretor do Instituto de Artes, lembra da filósofa e teórica política Hannah Arendt, que faz distinção entre trabalho e obra: “O trabalho está condicionado ao descarte, à obsolescência. Os lixões estão cheios do lixo do *homo faber* [o homem-fábrica], do homem que faz. A arte lida com a obra, com o agir, que está sempre dentro de um projeto. É a partir de seus projetos que o homem se torna histórico. Uma criatura humana que não tem direito a projetos volta à escravidão”, diz.

Desse modo, a obra deve permanecer no tempo, e o historiador da arte aparece como o agente capacitado para lidar com aquilo que o artista deixa. Círio Simon lembra um episódio que envolveu um quadro do pintor Ado Malagoli, fundador do Museu de Arte do Rio Grande do Sul que, desde 1997, leva o seu nome: “Certo dia telefonaram à viúva de Ado, dona Ruth, pedindo autenticação de um quadro. Era um autêntico Ado Malagoli, que havia sido comprado dos Mensageiros da Caridade pelo preço de dez reais”, conta. Em resumo: a falta de informação levava alguém a transformar uma importante obra de arte em uma “boa ação do dia”. Há quem confunda a obra e o trabalho. Entre outras coisas, o historiador da arte é, justamente, quem sabe reconhecer uma obra e preservá-la de um destino incerto.

Especial



De olho no futuro das reservas

Ações afirmativas
Alunos indígenas enfrentam o desafio de substituir os profissionais que atuam em suas comunidades

TEXTO **JACIRA CABRAL DA SILVEIRA**
COLABOROU LUCIANE COSTA

Quando completar 19 anos, em 2 de outubro, Denise Marcolino pela primeira vez vai comemorar seu aniversário fora da área indígena da Guarita, onde vivem os pais e os dois irmãos. Desde o início do ano, ela mora na Casa do Estudante do Câmpus Centro da UFRGS, a CEU, depois que entrou para o curso de Enfermagem através das políticas afirmativas para ingresso de indígenas na Universidade.

Assim como Denise, outros dezesseis índios ingressaram pelo mesmo sistema, adotado em 2008, quando foram disponibilizadas as primeiras vagas para estudantes indígenas. Diferentemente do sistema de cotas sociais e raciais adotado no mesmo ano, que determina a oferta de 30% das vagas em todos os cursos, as vagas para indígenas são criadas anualmente e especificamente para este fim, e aquelas que não forem ocupadas serão extintas.

Outra diferença é o número de cursos disponibilizados, pois são as lideranças indígenas que elegem aqueles que mais interessam às suas comunidades, cabendo aos candidatos escolher dentro desse universo. O objetivo dessa seleção é substituir gradativamente os profissionais não indígenas que trabalham atualmente nas escolas, postos de saúde e mesmo em funções administrativas nas terras indígenas amparadas pela Fundação Nacional do Índio (Funai).

Maria Aparecida Bergamaschi, professora da Faculdade de Educação e coordenadora do projeto de pesquisa Educação Escolar Indígena, diz que os cursos escolhidos concentram-se nas áreas da saúde, das ciências agrárias e das ciências humanas. Atualmente, existem estudantes indígenas cursando Medicina, Enfermagem, Odontologia, Nutrição, Agronomia, Direito, Ciências Sociais, Pedagogia e Jornalismo.

Reservas e etnias - Esses estudantes são de origem guarani e kaingang e, juntamente com os charrua, constituem as três etnias indígenas que vivem no estado. Dados de 2008 do Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE) indicam que hoje eles são 734.127 indivíduos, pertencentes a mais de 230 povos, falando 180 línguas e distribuídos em 612 terras indígenas no território brasileiro.

Desde a Constituição Federal de 1988, os indígenas têm direito a uma educação diferenciada em suas comunidades, o que também possibilita o uso das línguas nativas e de processos específicos de aprendizagem. No Rio Grande do Sul, conforme o Censo Escolar de 2005, existem mais de 50 escolas kaingang e guarani, onde estudam cerca de 5.270 alunos de suas comunidades.

Nos últimos anos, o ensino superior tem sido foco das lideranças indígenas, sendo que a pioneira no oferecimento de vagas foi a Universidade de Brasília (UnB). No mesmo ano em que a UFRGS instituiu seu programa específico para formação indígena, a Universidade de Santa Maria também criou o seu. Mas é Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) que oferece o maior número de vagas: são quase 50 estudantes nos mais diferentes cursos.

Na UFRGS, a discussão que resultou nas cotas indígenas começou timidamente em 2004, dentro do Projeto de Extensão de Formação de Professores Indígenas e Produção de Material Didático, que envolvia os cursos de Educação, Antropologia e Letras. Desde o começo, havia a preocupação de não apenas pensar o ingresso, mas também a questão da permanência dos

estudantes indígenas na Universidade.

Em 2006, essa reivindicação deu-se de forma mais organizada. No segundo semestre daquele ano, ocorreu a primeira reunião das ações afirmativas sociais e raciais na Universidade e “houve grande participação de diferentes grupos indígenas do estado”, recorda Maria Aparecida. De acordo com ela, além da visão estratégica da escolha das lideranças indígenas, eles reivindicavam um número de vagas suficiente para atender aos interesses da comunidade sem correr o risco de os estudantes indígenas “se perderem” na cultura branca, distanciando-se das tradições de seus povos. Os estudos de Maria Aparecida e Hélio Batista subsidiaram com informação das comunidades indígenas a comissão formada à época para estudar a questão das vagas étnicas.

Políticas de permanência - Além das políticas desenvolvidas pela UFRGS para buscar garantir a permanência na Universidade de todo aluno com corte socioeconômico de carência, a Secretaria de Assistência Estudantil (SAE) conta, desde o ano passado, com as verbas provenientes do Plano Nacional de Assistência Estudantil (Pnaes), conforme portaria do MEC de dezembro de 2007. Segundo Edilson Amaral Nabarro, secretário de Assistência Estudantil e coordenador da Comissão de Acompanhamento dos Alunos Indígenas, no caso desses estudantes existem medidas compensatórias especiais, devido a toda uma legislação de proteção indígena vigente no Brasil.

Entre os benefícios, Edilson Nabarro destaca: moradia nas casas de estudante; alimentação nos restaurantes universitários; auxílio-transporte; bolsa permanência que, no caso dos indígenas, tem um valor maior e não exige a contrapartida, que é a necessidade de o estudante dispor de 20 horas semanais de trabalho em ambiente acadêmico ou administrativo; apoio pedagógico para aquisição de livros e equipamentos instrumentais, conforme as especificidades de cada curso.

Há também o acompanhamento durante um

ano de um professor, com a função de tutor, e de um colega monitor. “Nunca havia tido contato com um indígena, mas não pensei duas vezes quando fui convidada pela Comgrad para ser a tutora do Odirlei”, comenta Ilza Girardi, professora do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico). “Foi muito importante a experiência, primeiro por esse cuidado de ouvir, de cuidar do outro, tratá-lo como é, enxergá-lo na sua cultura”, completa.

Maria Aparecida diz estar orgulhosa da forma como a Universidade vem se organizando para acolher os estudantes indígenas. Entretanto, a professora admite que aqueles que entraram no primeiro vestibular, em 2008, tiveram menos percalços comparados aos da segunda entrada, neste ano. Para ela, o acompanhamento deve ser sistemático, “pois cada grupo de estudantes ingressante apresenta peculiaridades e demandas diferentes, exigindo ações particularizadas”.

Fazem parte das medidas para garantir êxito nesse acompanhamento as seguintes atividades: formação para os estudantes monitores, preparando-os para o contato intercultural; e projetos que reforcem e valorizem a presença indígena na Universidade. Em abril de 2008, por exemplo, foi realizado um trabalho intenso para marcar a semana indígena, envolvendo estudantes que fizeram relatos de seu ingresso na academia.

Ainda que sejam unânimes em elogiar os esforços da Secretaria, permanece na lembrança de muitos o atraso inesperado da bolsa permanência deste ano. Enquanto aqueles que ingressaram em 2008/1 tiveram o dinheiro da bolsa depositado dois dias após chegarem a Porto Alegre, os ingressantes em 2009 foram receber só no final de março: “Nós viemos com o dinheirinho da passagem e para passar uma ou duas semanas”, lembra Éderson Sagre Ferreira Doble, estudante indígena da Agronomia. Na sua avaliação, esse atraso contribuiu para que o colega Esmael desistisse do curso de Pedagogia e voltasse para sua aldeia, onde mora com a esposa e filhos. Esmael era o único representante dos guarani na Universidade.

Grupo da Faculdade de Medicina criou projeto para apoiar alunos indígenas

Primeiros impactos da vida na cidade

Denise confessa que não conseguiu dormir na primeira noite: “Vou sempre lembrar do desespero daquele dia”. A mãe a trouxera a Porto Alegre para conferir onde a filha viveria nos quatro ou cinco anos do curso de enfermagem na UFRGS. Muito unidas, foi um baque quando soube que a filha queria estudar longe da reserva da Guarita. Mesmo assim, perguntou à futura acadêmica se queria ou não sair de casa. Hoje “estou muito tranquila, porque é uma coisa que gosto de fazer, e o fato d’eu ter ficado aqui dependeu muito de mim”, orgulha-se.

Já para Éderson Sagre Ferreira Doble, 26 anos, natural da comunidade de Cacique Doble, estudante de Agronomia, o difícil no começo foi se acostumar com o barulho na casa de estudante. Não pela algazarra dos demais hóspedes, mas porque a casa fica em plena Avenida João Pessoa, uma das principais vias de acesso ao Centro da capital, por onde circulam carros e ônibus diuturnamente. “Lá só se escuta grilo, saracura, as rãs no banhado e os galos cantando

de manhã. Aqui, tá louco, é ambulância, é ...”

Mauro Vergueiro é estudante de Medicina e um dos mais jovens do grupo de estudantes indígenas. Ele concorda com Éderson na questão do barulho, mas, para ele, “a maior dificuldade é acostumar com a rotina da Universidade”. Ele acorda às 6h, não toma café, porque em sua comunidade não existe esse hábito, fica na aula até as 11h e, “quando é uma e meia da tarde, começa tudo de novo”.

Diferente de Mauro, Denise já aderiu ao café da manhã por recomendação de Lucíola, colega de quarto também indígena que retornou temporariamente à sua aldeia para cuidar do filho recém-nascido. Mais experiente, ela alertou para o perigo do enfraquecimento em função de muita atividade e pouca alimentação. Até porque Denise é do tipo *mignon*, ainda que muito determinada, pois do medo da primeira noite o que parece restar é só a lembrança.

Quando o assunto é comida, bate a saudade em Mauro, que começa a descrever diferentes pratos da culinária indígena. Seu prato preferi-

do é o cumi, conhecido como mandioca braba. Segundo ele, muitas pessoas temem comê-lo “porque o cumi tem ácido cianídrico, que é muito tóxico”. Os indígenas consomem apenas as folhas, socam bem no pilão e cozinham, no mínimo, por dois dias, até ficar amarelinho. Depois de descansar por um tempo, refogam com outros temperos. Tem também o caraguatá - uma flor com espinho que cresce no meio do campo das fazendas e chega a mais de um metro de altura. O que se come dessa planta é a raiz: “Pica todo ele e coloca cebola, salsinha e põe no feijão”, receita.

Outra falta sentida na hora das refeições no Restaurante Universitário é comer de colher. Éderson comenta que na casa dele, a exemplo de todas as demais das comunidades, não existem garfo e faca: “É na colher, e a carne na mão”, descreve. Mesmo que Éderson estimule Mauro a não ter vergonha de comer do modo como o fazem na aldeia, o futuro médico diz que, depois de muito esforço, já consegue usar o garfo e a faca.



NEDE LOSINA/PROJETO CONTATO

João Fortes, aluno do curso de História, resalta a importância da preservação da língua como identidade indígena

“Quero ser índio”

Quando uma das alunas da UFRGS, em visita a reservas indígenas kaingang no estado, perguntou a um menino de uns cinco anos o que ele queria ser quando crescesse, ele respondeu: “Quero ser índio”. Tal afirmação remete ao comentário do indianista brasileiro Darcy Ribeiro de que o indígena foi submetido a um processo que o força a “transformar radicalmente seu perfil cultural (...) transfigurando sua indianidade, mas persistindo como índio”.

Em pleno Centro da capital gaúcha, a cultura reafirma-se: ao saberem que terão uma sala de convivência na Casa do Estudante no Câmpus Central especialmente para eles, os 11 estudantes indígenas que residem no local vibraram com a ideia. “Para cada um falar da sua comunidade”, planeja Éderson, da Agronomia. Tanto ele quanto Mauro, estudante de Medicina, dizem gostar de ouvir as pessoas mais velhas contando suas histórias. Na aldeia de Nonoai, Mauro costuma visitar todas as noites o avô para ouvi-lo falar dos costumes de seu povo e dos causos da família.

Certamente o lugar proporcionará momentos, ao final do dia, quando cada um voltar de suas aulas e já tiver jantado no RU, em que vão dar risadas e trocar as pequenas diferenças de comunidade para comunidade. Uma delas é a cerimônia do casamento. Em Nonoai, por exemplo, o noivo tenta convidar o máximo de áreas indígenas para a festa, e a noiva faz o mesmo. Na hora do casamento é como se fossem duas festas paralelas, festejos de um lado e de outro. Ganha quem trazer mais convidados, porque na aldeia de Mauro “quem tem mais familiares é o grande”.

É comum, nos casamentos indígenas, que os casais sejam de clãs diferentes. Quando nascem os filhos, os avós escolhem o nome indígena para os netos, e os pais, o nome “branco”. Este fica em primeiro lugar, e aquele é o segundo, seguido do sobrenome da família. O nome Éderson Sagre Ferreira Doble ilustra bem essa estrutura, e, no caso dele, há também a indicação de sua comunidade no final: Doble, de Cacique Doble.

Para explicar essa organização dualista presente na cultura indígena, Rogério Réus Gonçalves da Rosa, doutor em Antropologia pela UFRGS, cita o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1982): “No caso dos kaingang, estes se dividem em metades denominadas kamé e kanhru. Além dos homens e mulheres, as pessoas mais idosas, responsáveis pela transmissão dos saberes, repartem os animais, as plantas e os seres celestes de acordo com a orientação desse sistema dualista”.

João Fortes é aluno do curso de História e um dos mais velhos dentre os kaingang que estudam na Universidade. Para ele, preservar a cultura é manter os costumes, mesmo convivendo com a sociedade não indígena. “É importante não perder a língua, que é o que nos identifica. Nem que eu queira ser branco, nunca vou conseguir ser, porque minha característica mostra que sou de uma etnia diferente. Como diz aquele ditado de um índio do Norte: Eu posso ser tudo que você é, sem deixar de ser o que sou. Posso ter diplomas de várias faculdades, mas essa identidade como indígena nunca vou perder”, argumenta.

Mré Tig: um projeto para aprender a ser irmão

Mauro contou o dinheiro e percebeu que dava certinho para comprar uma passagem de Porto Alegre a Nonoai. A solução foi imediata: “Vou ter que ir para casa, porque, se eu gastar mais dinheiro e não tiver para a passagem de volta, aí posso ficar numa situação difícil”. Esse episódio deu origem, no curso de Medicina da UFRGS, ao projeto de extensão *Mré Tig*, que em kaingang quer dizer Ser Irmão. A partir do desafio de trazer de volta o recém-chegado aluno, seu tutor, o professor Odalci José Pustai, do departamento de Medicina Social, e alguns estudantes criaram o projeto que teve como primeira ação a visita às terras indígenas kaingang no estado.

Odalci já havia sido tutor de Lucíola que, coincidentemente, é natural de uma das comunidades em que ele atuou durante três anos, antes de trabalhar na Universidade. De acordo com o professor da Faculdade de Medicina, essa experiência foi fundamental para a sua nova função junto aos alunos indígenas. Alega ter desenvolvido certa sensibilidade para reconhecer as necessidades específicas da cultura indígena, pois nunca limitou seu trabalho ao atendimento médico, chegando a fazer pesquisas sobre os kaingang - fato que o levou a ser

convidado a participar da organização do *Mré Tig*.

A visita às reservas ocorreu em julho deste ano. Aonde chegavam, eram recepcionados por várias crianças. Os extensionistas perceberam que, conforme a proximidade da cidade, as crianças falam entre si o português ou o kaingang, embora todas saibam falar ambos os idiomas. Como presente, a comissão levou para cada comunidade uma muda de araucária, espécie-símbolo no ciclo econômico dos kaingang. Alguns grupos retribuíram o presente fazendo apresentações culturais e preparando comidas típicas.

Quando chegaram à comunidade de Mauro, em Nonoai, ele estava jogando futebol num campo mais distante, mas ficaram sabendo pelo seu pai que ele já havia comprado passagem para Porto Alegre. Ao retornar, Mauro trouxe de presente para a Universidade um pé de caqui, fruta de sua preferência. Com os colegas extensionistas, plantou a pequena árvore no pátio da Medicina. “Foi um momento simbolicamente importante. Ainda é uma muda pequena, mas esperamos que frutifique, assim como esperamos que o Mauro se forme e possa trabalhar com a comunidade dele”, projeta Odalci.



PROJETO MRÉ TIG

O professor Odalci visitou as comunidades kaingang, levando uma muda de araucária de presente

Muito além do golpe

Honduras

Após destituição do presidente Manuel Zelaya, país caribenho enfrenta crise política e isolamento internacional

O mês de junho foi marcado pelo alarde em torno da gripe A e da morte do cantor Michael Jackson. Pouco espaço sobrou na mídia para o que acontecia em um pequeno país da América Central. No dia 28, o presidente de Honduras, Manuel Zelaya, foi preso pelas Forças Armadas e exilado na Costa Rica. O congresso nacional nomeou como presidente interino seu líder, Roberto Micheletti, colega de Zelaya no Partido Liberal hondurenho.

Com menos da metade da área do Rio Grande do Sul, o país é ocupado por aproximadamente 7,5 milhões de habitantes, conhecidos como *catrachos*. A base da economia é a exportação de café, têxteis, banana e camarão, e, segundo dados de 2004 da Central de Inteligência Norte-americana (CIA), 50,4% da população vive abaixo da linha de pobreza. “Livres, Soberana e Independente”, o lema da nação caribenha pouco tem correspondido à realidade hondurenha. Com a produção voltada ao primeiro setor, o país tem como destino de 70% de suas exportações os Estados Unidos, de onde vêm 53% de suas importações.

Governo Zelaya – Mel Zelaya, como é chamado o presidente deposto, pertence a uma das mais antigas oligarquias de seu país. Tendo assumido o cargo em 2006, seu governo foi marcado por uma série de contradições: apesar de ser de direita, adotou uma postura com tendência esquerdista, especialmente após tornar-se aliado do presidente venezuelano Hugo Chávez e solicitar ingresso na Alba – alternativa bolivariana à Alca.

Para o farmacêutico hondurenho César Palma, que mantém um blog sobre cibercultura, este foi um governo atípico em relação à história política do país, pois mesmo no fim de seu mandato Zelaya ainda contava com seguidores e simpatizantes: “Nunca se tinha visto esse apoio a um presidente, ainda que isso possa se explicar pelas medidas populistas que tomou em sua gestão”. Segundo ele, as ações que aparentemente favoreciam os pobres desagradaram os empresários e algumas instituições do Estado. “Os índices de analfabetismo, pobreza e delinquência cresciam a passos largos. Somada a isso, a adesão de Honduras à Alba gerou uma controvérsia que dividiu o país desde então.”

O golpe – No dia em que Zelaya foi deposto da presidência, ocorreria a Quarta Urna, um referendo para decidir sobre a convocação de uma Assembleia Constituinte. A oposição afirma que essa era uma manobra para que ele pudesse se candidatar à reeleição, o que não é permitido pela Constituição atual. Na véspera do plebiscito, as Forças Armadas, lideradas por um militar formado nos Estados Unidos e apoiadas pelas oligarquias do país, invadiram a residência do presidente, prenderam-no por violação da Constituição e o deportaram.

A população foi surpreendida



Depois dos protestos, população hondurenha aguarda as eleições marcadas para 29 de novembro, quando poderá eleger um novo presidente

“Os índices de analfabetismo, pobreza e delinquência cresciam a passos largos. Somada a isso, a adesão de Honduras à Alba gerou uma controvérsia que dividiu o país desde então”

César Palma

pelos acontecimentos: “Ninguém esperava, ninguém desejava, e acredito que ninguém queira que se siga violando a Constituição de uma ou outra maneira”, assegura César. Ele conta que, enquanto se desenrolava um dos principais acontecimentos políticos de Honduras, o país entrou em silêncio com a suspensão de energia elétrica, da Internet e da programação de rádio e televisão. “As especulações cresceram até o Congresso ler em rede nacional uma suposta carta de renúncia de Zelaya e anunciar que dali a algumas horas teríamos um novo presidente. Enquanto lá havia aplausos, sorrisos e abraços, o povo se perguntava: ‘o que está acontecendo?’”

A consulta popular foi combatida também por uma parcela significativa dos políticos hondurenhos, incluindo os próprios membros do Partido Liberal, ao qual pertencia Zelaya. De acordo com a professora do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS Cláudia Wassermann, o que aconteceu pode ser comparado aos golpes “preventivos” dos anos 70 na América Latina. Ela acredita que os atos do presidente não justificam a tomada de poder e a sua expulsão do país antes do término do mandato. “Os tribunais e o

Legislativo poderiam ter simplesmente declarado ilegal a consulta e procedido dentro da lei”, acredita.

O mundo contra Honduras – O presidente interino Roberto Micheletti assumiu o governo criticado pela comunidade internacional e pela Organização dos Estados Americanos (OEA), a quem tenta convencer de que sua subida ao poder é constitucional. Enquanto isso, Zelaya viaja pela América Latina buscando apoio, tendo como principais aliados Raúl Castro (Cuba) e Hugo Chávez (Venezuela). No Brasil, ele se encontrou com o presidente Lula e o ministro de Relações Exteriores Celso Amorim, que defenderam sua volta a Honduras.

Em julho, em uma reunião entre Zelaya e a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, foi escolhido como mediador da crise Oscar Arias, presidente da Costa Rica, premiado com o Nobel da Paz em 1987 por iniciar processos de paz na América Central. Arias propôs o Acordo de San José, que tem entre suas cláusulas a restituição do presidente deposto. Esse item é a principal razão para a recusa do go-verno interino em aceitar o acordo e as ações da OEA, isolando-se ainda mais do resto do mundo e perdendo apoio internacional.

A intervenção norte-americana, esperada por Zelaya e seus apoiadores, ainda não aconteceu. O presidente deposto criticou o governo Obama por não ter tomado uma atitude mais dura contra os golpistas. Na avaliação da historiadora, “embora oficialmente o governo estadunidense tenha se declarado contrário a golpes de estado na região, não fez qualquer pedido de restituição do poder ao presidente eleito – o que significa que os EUA não se posicionaram firmemente como defensores dos direitos democráticos na América Latina, onde em passado recente apoiaram tantos e tão cruéis golpes”.

O fato, de acordo com Cláudia, é que a aproximação de Zelaya com os governos de esquerda na América Latina ameaçaria a presença dos Estados Unidos na região. “O golpe de Hondu-

ras é uma espécie de alerta aos países pequenos de que eles não tolerariam outros adeptos ao socialismo do século XXI. Essa foi mais uma amostra de que as classes conservadoras e os Estados Unidos são os primeiros a violar as regras democráticas quando os governantes latino-americanos não estiverem a serviço de seus interesses”, conclui. Em resposta a Zelaya e seus apoiadores, o presidente Obama disse que aqueles que reclamam dos norte-americanos por sua reação à crise agem com hipocrisia, pois seriam os mesmos que criticam a intervenção do país na América Latina.

Futuro – Com o impedimento ao retorno de Zelaya e o não cumprimento do Acordo de San José, o futuro do país é incerto. Para a psicóloga Julia Bartsch, integrante da organização humanitária internacional Médicos sem Fronteiras (MSF) em Honduras, esse tipo de situação afeta diretamente uma população que já era carente de atenção. Em seu diário no site da organização, ela conta que “o projeto do MSF se viu parcialmente impedido de cumprir sua missão. Felizmente, ações estão sendo tomadas para que se restabeleça a ordem, ao menos quanto às possibilidades de intervenção nessas condições”.

A relação com os Estados Unidos, conforme a professora Cláudia, também dificulta as negociações. “Arias, aliado aos EUA, não tem pressa em fazer o governo interino concordar com o retorno de Zelaya, sendo bastante condescendente com os golpistas e não estabelecendo prazos para a aceitação do acordo”. O hondurenho César acredita que a maioria da população aguarda as eleições previstas para 29 de novembro, quando elegerá um novo presidente. “Enquanto isso, a maioria segue trabalhando e esperando que a situação política seja manejada de maneira pacífica, pois tudo indica que o governo não deixará que Zelaya regresse”, avalia.

Luciane Costa, estudante do 7.º semestre do curso de Jornalismo da Fabco

Informação escassa e restrições à liberdade

Como em todo golpe de estado, a imprensa é uma das primeiras a perder sua autonomia. Com a programação de rádio e televisão controlada e a presença reduzida de correspondentes estrangeiros, as informações que chegam ao resto do mundo são poucas e muitas vezes distorcidas. “A grande imprensa brasileira reproduz, em grande parte, as informações da CNN. Por isso, os mais importantes jornais e telejornais daqui fizeram crer que Zelaya mereceu ser deposto e expulso do país”, analisa a professora de História da UFRGS Cláudia Wassermann.

A psicóloga Julia Bartsch, da organização Médicos sem Fronteiras em Tegucigalpa, relata uma experiência nova em sua vida: “No dia do golpe, a luz e o telefone foram cortados, os canais de televisão militarizados – uma conjugação nova para mim – e as rádios que se manifestavam contra os movimentos do Congresso eram censuradas e tomadas”.

Sobre a liberdade de imprensa em Honduras, o farmacêutico hondurenho César Palma afirma que no momento ela não existe. “Cadeias de rádio e TV sofreram intervenções, saíram do ar ou tiveram seus transmissores destruídos. Os meios com maior influência no país estão a favor do golpe, então a maioria das notícias passa essa ideia. Pouco aparece sobre o alto grau de intolerância com a população e sobre as mortes que aconteceram nas manifestações populares”, conta.

Mesmo na Internet, as informações são escassas. Isso porque no país uma pequena parcela da população possui acesso à rede: “São poucos os que têm Internet e ainda menos os que usam redes sociais e massivas para compartilhar ideias”, fala César. Ele acrescenta que a parcela da população conectada a esses serviços não representa a voz do povo hondurenho, apenas de um estrato privilegiado.



Em busca de desenvolvimento

Urbanismo

Instituto de Geociências e prefeitura de Porto Alegre unem-se em projeto inédito de atualização de dados e mapeamento

A capital gaúcha tem 1.420.667 habitantes distribuídos em um território de 497 quilômetros quadrados, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Existem aqui, oficialmente, 625 mil imóveis e uma defasagem de 52 anos no cadastro, o que significa cerca de 100 mil unidades de diferença, localizadas, principalmente, em áreas de crescimento, como as zonas Sul e Norte. A base cartográfica do município utiliza um sistema de 1903, e o último levantamento aéreo completo foi realizado há 27 anos.

É isso mesmo. A cidade de Porto Alegre não “conhece a si própria”, mas esse quadro está prestes a mudar. O processo de modernização completa da base de dados urbanos deve ter início ainda neste mês. “Essa era uma necessidade de muito tempo, porém só passamos a pensar no tema em 2006, quando os próprios servidores fizeram um projeto e começaram a desenvolvê-lo”, revela Lauro Marino Wollmann, chefe da Unidade de Tributos Imobiliários da Secretaria Municipal da Fazenda (SMF). As ideias demoraram a sair do papel, devido aos limites técnicos e numéricos da equipe, que, assim como todos os outros órgãos da prefeitura, não dispõe de profissionais especializados em seu quadro, os engenheiros cartógrafos.

Desejo recíproco - O curso de graduação em Engenharia Cartográfica da UFRGS existe há 11 anos e faz pelo menos cinco que os professores pensam em estabelecer uma parceria formal com o governo do município, a fim de colocar o Departamento de Geodésia à disposição do poder público: “Conhecíamos as demandas, mas até então não tínhamos conseguido compatibilizar a vontade da prefeitura com a nossa necessidade científica e técnica”, explica o professor Ronaldo da Rocha. A situação começou a mudar no final de 2007, durante audiência pública municipal em que se expuseram o desejo da realização de um novo mapeamento da cidade e a falta de estrutura para dar andamento ao projeto.

A afinidade foi imediata, como afirma Marino: “A busca pela UFRGS foi estimulada pelos servidores porque reconhecemos os nossos limites e precisávamos

de uma referência, de uma segurança”. A partir de então, formou-se um grupo de professores e funcionários municipais que promoveu reuniões para o estabelecimento dos termos do convênio – assinado no último mês – que une o Instituto de Geociências e a Prefeitura de Porto Alegre em projeto que tornará a cidade uma das capitais com maior estrutura cartográfica e geodésica do país. Para esclarecimento, conforme a professora Andrea Iescheck, *geodésia* é a ciência que se ocupa da medição e do mapeamento da superfície terrestre.

O projeto - O plano a ser desenvolvido vai custar à prefeitura 22 milhões de reais e inclui a renovação da base cartográfica do município, o aerolevanteamento e a atualização do cadastro imobiliário. Parece simples, no entanto, o chefe da unidade de tributos imobiliários da SMF, que viajou para conhecer experiências em outros locais, está certo de que um trabalho dessa dimensão ainda não foi realizado no Brasil: “É inédito em sua amplitude. As tecnologias que existem todo mundo já usou, mas não da forma complexa e integrada como vamos utilizar”.

As atividades começarão pela implantação de uma rede geodésica seguida de uma das fases mais importantes, o levantamento aerofotogramétrico, que será realizado pelo Consórcio Guaíba, vencedor da licitação da prefeitura. Posteriormente, será realizada a varredura a *laser scanning*, pela qual é gerado um modelo digital de todo o relevo do terreno, levantando a altimetria e incluindo edificações, vegetação e outros elementos. Para encerrar essa parte do processo, as imagens serão comparadas com os dados existentes e será feita uma retificação das possíveis distorções.

Uma das tarefas atribuídas ao Departamento de Geodésia da Universidade é referente à urgente transformação dos parâmetros do sistema geodésico atual do município, em Carta Geral, para o Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas (Sirgas 2000), o qual todos devem adotar até 2014 por determinação do IBGE. “A criação de um programa

que faça isso vai permitir que os dados de todas as secretarias municipais migrem para a mesma base cartográfica e que as informações não se percam”, destaca a professora Andrea.

Também ficará a cargo do Departamento a fiscalização do trabalho da empresa que será contratada para a auditoria do aerolevanteamento. Na verdade, é a equipe da UFRGS que vai definir a metodologia utilizada para que se faça o controle de qualidade e avaliar o que está sendo realizado. “Isso é extremamente importante porque nós precisávamos de alguém em que pudéssemos confiar absolutamente, fora da relação comercial”, relata Marino.

Todos ganham - A equipe da Universidade contará com oito professores, um engenheiro cartógrafo e, inicialmente, três bolsistas – número que tende a aumentar. De acordo com o professor Ronaldo, a parceria vai permitir o trabalho em três eixos acadêmicos: “Na pesquisa, vamos realizar esse estudo inédito de migração para um sistema geodésico moderno; no ensino, faremos todo o desenvolvimento dos professores e alunos da faculdade; e na extensão retornaremos o investimento feito pela sociedade”. A contrapartida é a arrecadação de 570 mil reais, que, segundo os professores, ajudará a manter o curso de graduação. “Vinte por cento do valor será utilizado na aquisição de material permanente de última geração, como GPS geodésico de dupla frequência e estação fotogramétrica. Teremos equipamento mínimo para desenvolver pesquisas”, orgulha-se a professora Andrea.

Contudo, os maiores beneficiados serão os porto-alegrenses. As informações sobre córregos, parques, pavimentação das vias, coleta de lixo, rede de transporte e esgoto, escolas, hospitais, postos de saúde e logradouros gerarão uma fonte de dados completa e atualizada para todos os órgãos da prefeitura. Marino acrescenta: “Conseguiremos gerar mapas temáticos, por exemplo, e trabalhar objetivamente os dados, o que vai permitir que a prefeitura aprove projetos realmente necessários e faça investimentos direcionados. Além disso, poderemos disponibilizar mais serviços na Internet. Em suma, o atendimento às demandas dos cidadãos será agilizado”.

A verdade é que, se o projeto for realizado da forma planejada, a dimensão do banco de dados e o que poderá ser feito com ele é ainda imprevisível, pois a cada vez se desencadearão outras frentes de trabalho. O professor Ronaldo resume bem o salto de qualidade que as informações sobre a cidade devem proporcionar: “Tem um colega meu que sempre diz que cartografia é um processo de desenvolvimento nacional, ou seja, as regiões que têm uma base significativa são as que conseguem se desenvolver”.

Jaqueline Crestani, *estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabco*

A profissão da vez

O convênio entre a prefeitura e o Instituto de Geociências não se encerra em 36 meses, com o prazo para o cumprimento das duas primeiras etapas. Outros termos de cooperação constam do acordo que pretende iniciar uma longa parceria.

Entre eles, o poder municipal comprometeu-se a contratar estagiários de Engenharia Cartográfica e realizar um concurso para profissionais da especialidade. “Já estamos contratando cinco estagiários e pretendemos lançar o edital para o concurso ainda neste semestre. Primeiramente, vamos abrir quatro vagas, mas no total devem ser oito”, diz o chefe da unidade de tributos imobiliários da SMF, Lauro Marino Wollmann.

No entanto, a Secretaria já enfrenta dificuldades para contratar estagiários, assim como o Departamento de Geodésia, para selecionar bolsistas. O curso de Engenharia Cartográfica da UFRGS forma cerca de sete alunos por ano, sendo que, depois da ampliação de vagas no último vestibular, são 30 ingressantes na graduação. Como em todas as engenharias, o problema está nas disciplinas de Cálculo e de Física, que acabam deixando muitos estudantes para trás. “Existe uma carência muito grande também de formados, principalmente no Rio Grande do Sul. Não chegamos a cinquenta engenheiros cartógrafos aqui no estado, enquanto no Paraná são mais de quatrocentos”, avalia o professor Ronaldo da Rocha.

Assim como outras profissões da área da informática e do geoprocessamento, o mercado de trabalho dessa habilitação disparou nos últimos anos e se encontra aquecido. Cláudio Lopes de Almeida, servidor municipal envolvido com o projeto, acredita que o engenheiro especialista em cartografia tem um papel importante na sociedade atual, unindo a utilização de tecnologia com a defasagem existente no gerenciamento do espaço urbano: “A administração de uma cidade é uma atividade muito complexa. Isso tem tudo a ver com esse profissional que integra os recursos surgidos nos últimos anos com a demanda pelo conhecimento do espaço urbano para tomadas de decisão coerentes”.



Com o projeto, a prefeitura da capital passará a dispor de informações completas e atualizadas sobre córregos, parques, pavimentação das vias, escolas, hospitais e logradouros



Cúmplice de um projeto

Lenine

O cantor e compositor pernambucano participou do Unimúsica - Série Cancionistas, música de hoje

Caroline da Silva

A verdade é que Osvaldo Lenine Macedo Pimentel não conhecia direito a proposta do Unimúsica quando aceitou o convite para se apresentar no palco do Salão de Atos. Sabia que era um projeto universitário, e isso bastou. O músico acredita que na Universidade estão as gerações mais inquietas, que não engolem as coisas, por isso pôs fé na iniciativa e aceitou ser cúmplice dela.

Foco na canção - A versão 2009 do Unimúsica, projeto de mais de duas décadas, tem por objetivo dar ao público um panorama da canção criada no Brasil nos dias de hoje. Depois de Arnaldo Antunes, estiveram na *Série Cancionistas - música de hoje* Fred Martins, Daniel Drexler, Kristoff Silva e Leandro Maia.

Jovens nomes lado a lado com artistas consagrados na música popular brasileira é a receita da edição deste ano, que promove encontros com o artista e oficinas, além das atividades do Núcleo de Estudos da Canção. Projeto do Departamento de Difusão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, o Unimúsica é coordenado pela produtora Lígia Petrucci.

Na cena brasileira, a canção ocupa posição central. Qualitativa e quantitativamente, a produção do cancionário nacional é singular, sendo incomparável a outras culturas contemporâneas. Basta pensar na exportação de Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Toquinho. O próprio Lenine lembra que a primeira turnê internacional de um dos nossos músicos foi com Pixi-

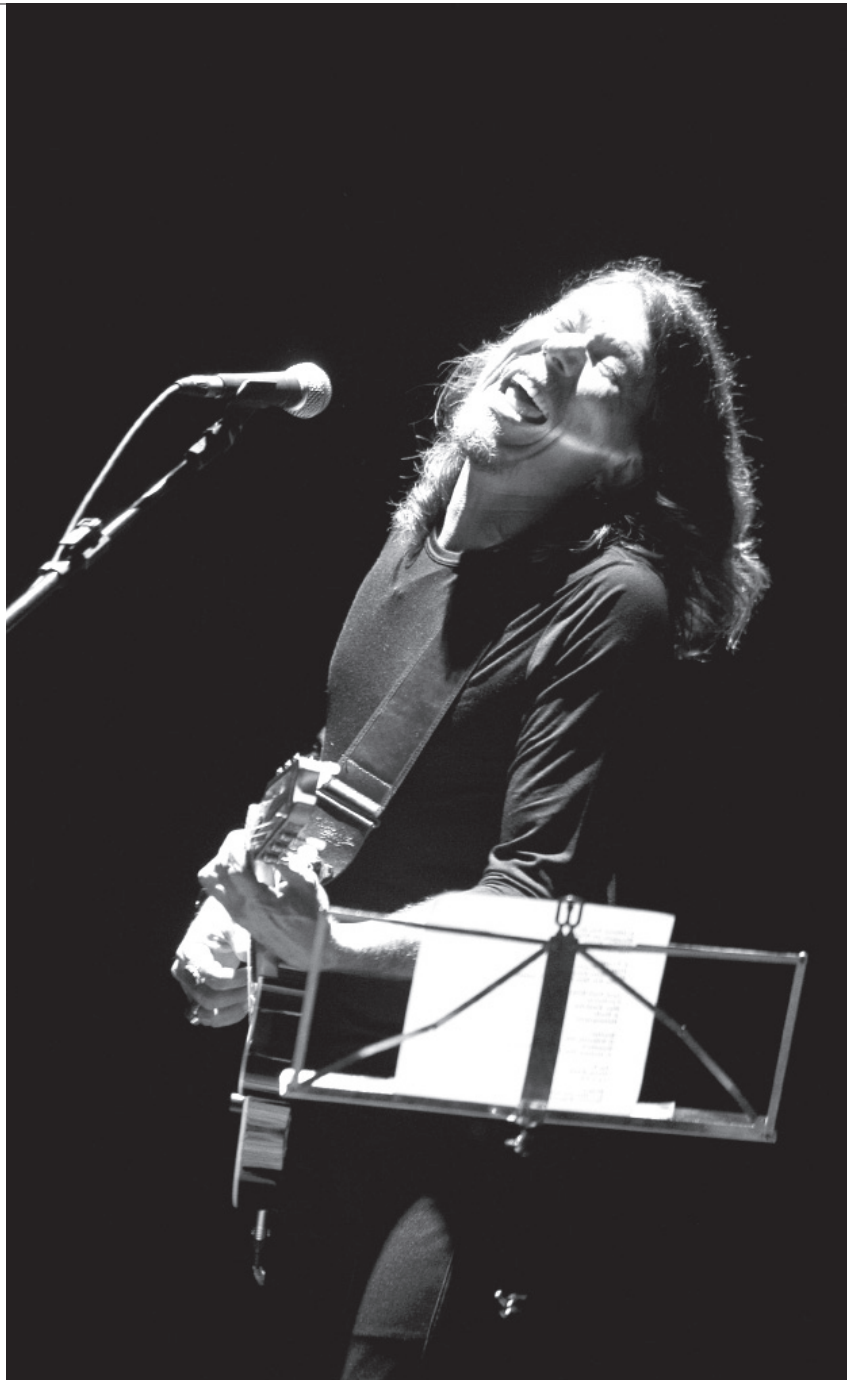
guinha: "Faz parte de nosso país misturar. É o que fazemos de melhor, daí a nossa irreverência. É uma 'hibridagem' - essa palavra nem deve existir, mas é isso aí mesmo".

Sincretismos - O trânsito entre os vários planos da cultura caminha para um endereço: a nossa canção. A relação frequente e característica na arte nacional da chamada Alta Cultura com as expressões populares resulta em uma malha permeável. "Dizem que faço uma música que agrega manifestações musicais brasileiras e de outros cantos do mundo. Sons que não se encaixam em um único gênero e desconhecem limites", observa Lenine sobre o que tenta fazer através de suas mesclas.

O cantor e compositor foi revelado em 1983 com o disco *Baque solo*

"Sou um cantautor. Tenho essa hereditariedade do trovadorismo."

(parceria com Lula Queiroga). Em 1992, lançou o segundo disco, *Olho de peixe*, juntamente com o percussionista Marcos Suzano. Foi a partir daí que começou a ser rotulado como um dos renovadores da canção. Trabalhou uma roupagem mais pop, misturando ritmos eletrônicos, influências nordestinas e samba, em seu primeiro disco solo, *O dia em que faremos contato* (1997, BMG). Sobre o rótulo, Lenine retruca: "Mas... semanticamente, o que é renovar? O que é novo, eu pergunto.



Apresentação do compositor seguiu a ordem cronológica de seus CDs

FLÁVIO DUTRA/PROJETO CONTRIO

Novo é aquilo que foi conhecido já".

Para ser homogêneo, precisa ser heterogêneo. Essa é a lição aprendida pelo cantor. Em Recife, o rapaz cursava Engenharia Química na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e tocava para pagar a faculdade. Falta-vam seis meses para se formar quando foi para o Rio. Era para voltar, "mas faz 20 anos". Ele sempre buscou a alquimia das coisas e conclui que isso representa a sua música. A necessidade de saber misturar também o aproximou da cozinha, brinca o compositor. Apesar de não ter o diploma, explica que esse período lhe ensinou muito, como a não utilizar nada químico - o compositor só faz uso de substâncias orgânicas. E o interesse pelas reações químicas, desde o estúdio onde grava até a fotografia, mostrando que a confluência era o caminho, acabou levando-o também à paixão pelas orquídeas.

Ainda sobre confluências, cita a de informações e retoma o seu pensamento sobre a universidade - que para

ele tem um quê cosmopolita. "Há o encontro social de nichos diferentes. É um meio de confrontos onde acontecem as novas descobertas." O violonista considera que grande parte do seu público vem do seio universitário, inclusive a fidelidade pela sua música.

Arte da criação - Fazer uma canção não é simplesmente musicar um poema ou escrever versos para uma melodia, é preciso estabelecer um casamento pleno entre letra e música. Foi o que reiterou Arthur Nestrovski ao apresentar a *Série Cancionistas - música de hoje*. Lenine concorda com a ideia dessa aliança entre poesia e melodia: "Uma deve ser escada para a outra, elas jamais competirão, têm que construir junto". Como referência nesse sentido, ele cita um contrarrâneo seu: "Tem um cara que admiro como pessoa, como cancionista, como instrumentista, como figura, que é o Dominginhos. É o meu grande mestre!".

Depois de entender a programação

Chegando cedo para garantir lugar

A fila para as senhas do espetáculo de Lenine começou a se formar antes das 7h, sendo que a troca dos quilos de alimento por ingressos iniciava somente às 9h. Uma hora depois, já não havia mais ingressos. A reserva pelo site do Departamento de Difusão Cultural, disponível para seis fileiras do teatro, esgotou-se em apenas 10 minutos.

Estudantes da UFRGS, três amigas saíram da bilheteria satisfeitas com seus ingressos centrais na fileira I, última da plateia baixa. Roberta Porto Marques (estudante do 8.º semestre de História), Camila Alexandrino (Letras, 7.º semestre) e Gabriela Porto Marques (aluna do 3.º semestre de Biologia) frequentam os espetáculos do Unimúsica desde a sua entrada na Universidade. Desta série, só faltaram ao último show, por incompatibilidade de horários. "É um dos poucos projetos bons da Universidade", diz Camila, que, gostando muitíssimo de Lenine, sabia que precisava chegar cedo à fila. As garotas estavam em frente ao teatro às 7h30min.

Já a artesã Maria Amorim disse que, para ela, qualquer lugar estaria bom. Fã do cantor, nunca assistiu a um show dele: "Por isso quero aproveitar essa oportunidade".

do Unimúsica 2009, Lenine comentou: "Ah, maravilhoso... Na verdade, a gente é um cantautor, né? Tenho essa hereditariedade do trovadorismo. E a canção tem uma importância fundamental para mim".

No show, o cantor apresentou suas obras na forma como foram compostas, com voz e violão. Lenine considera rara essa oportunidade de interagir com o público, dando a ele a sua intimidade do momento da criação, mostrando a música nua, sem arranjos. Para o artista, a canção é fruto da comunhão do músico com seu instrumento; no seu caso, o violão. "Eu sou violonista, guitarrista. Minha música é projeção disso, do que eu faço. Aí está a autoridade no tocar. E da minha maneira, eu sou um percussionista de violão."

Embora o recifense converse muito, no momento do espetáculo, prefere que a música fale por si só. No dia 3 de setembro, não contou sobre seus processos de composição: "O que eu sei fazer de melhor é cantar e tocar!".

JU indica

Organizadoras: Caleb Faria Alves e Maria Eunice de Souza Maciel (orgs.)
O lugar comum da diferença
 UFRGS Editora, 2009, 212 págs., R\$ 28 (valor médio)

O Lugar Comum da Diferença: arte, estilo de vida e direitos humanos
 Caleb Faria Alves e Maria Eunice de Souza Maciel (orgs.)
 UFRGS Editora, 2009, 212 págs., R\$ 28 (valor médio)

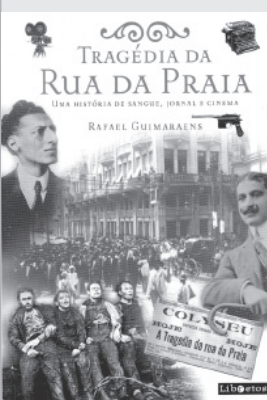
Os personagens da vida real estão por todos os lugares, escondidos, esquecidos ou invisíveis aos olhares distraídos. São artistas de rua, figuras históricas, doceiras e profissionais que facilitam o acesso do grande público à cultura. Conhecer suas histórias e sonhos e/ou entender o seu lugar na sociedade é uma oportunidade para enxergar além do usual e chegar mais perto de compreender a realidade. *O lugar comum da diferença: arte, estilo de vida e direitos humanos* é composto por oito artigos que relatam e analisam ricas experiências antropológicas. Os autores dos textos são ex-alunos da UFRGS e os próprios organizadores da publicação, Caleb Faria Alves e Maria Eunice de Souza Maciel, professores do Núcleo de Antropologia

Social do IFCH.

Débora Bueno, em *Estátuas-vivas - arte, cultura: ponto de vista do nativo e do público*, incita à reflexão sobre o que é arte e sobre o papel desses atores sociais. Claudia Turra Magni relata a participação em oficinas de inclusão na França e analisa o caso de uma moradora de rua africana que vive em Paris. O artigo de Maria Eunice de Souza Maciel fala sobre as doceiras e a importância do saber popular. A especialista em antropologia da alimentação, assim como a doceira, dona Maria Cândida, destacam que não existem receitas certas. A pesquisadora cria o termo que muito bem podemos utilizar aqui: de fato, o livro alcança o tão esperado "ponto antropológico". (Jaqueline Crestani)

Tragédia da Rua da Praia: uma história de sangue, jornal e cinema

Rafael Guimaraens
 Editora Libretos, 2009,
 2ª edição, 300 págs.,
 R\$ 35 (valor médio)



O livro apresenta um panorama político e cultural da Porto Alegre do início do século XX, ao narrar o assalto realizado por quatro estrangeiros a uma casa de câmbio no centro da cidade em 5 de setembro de 1911. Em sua fuga, os bandidos deixaram um rastro de pânico e um ferido agonizante. Encurralados por um batalhão da Brigada Militar em um banheiro próximo ao rio Gravataí, os assaltantes enfrentaram a polícia e acabaram mortos. O cenário tumultuado deu lugar a uma disputa política, prisões em massa e anarquistas em alerta. Em menos de dez dias, um documentário sobre o crime foi produzido, alcançando grande sucesso de público. O filme ficou em cartaz durante semanas, mas ao final da última sessão a cidade havia colocado uma pedra sobre a tragédia da Rua da Praia. (Ánia Chala)

Artesania Clínica: questões para uma prática da multiplicidade
 Maria Célia Detoni
 Editora Marca Visual, 2009,
 160 págs.,
 R\$ 32 (valor médio)

Na obra, a autora define sua experiência clínica como um trabalho de artesã, semelhante à trajetória existencial de cada indivíduo na tecedura de sua subjetividade, onde existe o outro e um contexto sócio-histórico. Em textos acessíveis aos leigos ela narra sua prática terapêutica na qual percebe um sujeito contemporâneo de sentimentos extremos. Por um lado, hedonista, de prazer imediato e individual; por outro, portador de um sentimento de apatia e de perda da capacidade de sentir prazer. Maria Célia também aborda a questão das relações amorosas afetadas pelo medo e a batalha da sobrevivência: "Uma miserabilidade do tempo e do convívio está criando abismos na possibilidade de amar". (Jacira Cabral da Silveira)

Donos negligentes



Patrimônio

Origens da depredação de monumentos revelam soluções para além da vigilância

Carlos Drummond de Andrade já ficou sem os óculos e sem o livro que oferecia a seu colega Mario Quintana. De Santos Dumont arrancaram o chapéu. O Monumento aos Açorianos foi rabiscado inúmeras vezes, da mesma forma que a chaminé da Usina do Gasômetro. O Gaúcho perdeu uma das mãos e, agora, está cercado – assim como a população urbana, de ações contra a História.

“O que o avô vai contar para os netos se nada existe para lembrar, nada para mostrar? Nós vivemos do concreto, não apenas de lembranças. Tem de haver uma referência no presente, senão como as novas gerações vão imaginar a História?” A questão levantada pela frequentadora do Parque Farroupilha Tânia Barra não é exagero. A capital tem mais de 400 monumentos, e o estado de conservação da maioria deles não é sequer satisfatório, quanto mais animador. Segundo a arquiteta do Projeto Monumenta Dóris Saraiva de Oliveira, essa já é uma característica marcante da cidade: “Porto Alegre tem um nível de vandalismo muito alto em relação a outros lugares do país. As pessoas de fora notam isso quando vêm para cá”.

De fato, os maiores problemas enfrentados pela Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal da Cultura (EPAHC) são a ação dos pichadores e o roubo de materiais.

“Somos responsáveis pela preservação dos bens da cidade e nossa atribuição é fazer a fiscalização constante, mas nosso grupo é reduzido e, por isso, funcionamos mais por meio de denúncias”, revela a diretora Débora Magalhães da Costa.

Já que as condições de trabalho dos responsáveis são essas, a colaboração da comunidade na conservação é muito importante. No entanto, não basta começar a olhar ao redor, é preciso tentar entender o que se passa.

Farinhas de sacos diferentes - Uma estátua que homenageia o mineiro anônimo, um dos símbolos do município de Arroio dos Ratos, amanheceu destruída no dia 16 de agosto deste ano – restaram apenas os pés. As notícias creditaram a autoria do estrago a três “vândalos”. O trio, formado por dois menores de idade e um jovem de 20 anos, tentou subir no monumento, que desabou. Mas será possível enquadrar uma brincadeira inconsequente no que se denomina “vandalismo”?

Lorena Avellar de Muniagurria, professora da Faculdade de Artes do Paraná e especialista em Antropologia da Arte, considera a pergunta importante: “Sob a denominação genérica de ‘depredação’, existe uma série de práticas diversas”, afirma. Além de brincadeiras com final infeliz, a professora identifica outras roupagens para a dita “depredação”: as pichações, que aparecem como forma de se apropriar do espaço urbano (ou seja, “deixar uma marca”); os ataques conscientes a símbolos que representam grupos sociais ou governos; e os furtos de materiais, que têm motivação financeira e não fazem distinção entre estátuas, placas metálicas ou fios de cobre de orelhões e da rede elétrica.

Há, também, a violência gratuita, como observa o aposentado Sílvio Armbrorst: “O comportamento de certas pessoas é o de quem não tem

nada a perder e, por isso, nada respeita”. Para a professora Lorena, isso também não pode ser condenado sem um olhar crítico: “Mesmo esses casos têm sentido social e revelam problemas presentes em nossas cidades. Se a intenção é entender os motivos da depredação de monumentos e pensar em soluções, é importante atentar para isso”.

E agora? - Nas ruas, cada um “resolve” o problema à sua maneira, embora saiba que um desfecho para a situação não é nem um pouco fácil. Alguns acreditam que o ideal é o cercamento de locais públicos, como sugere o aposentado Sílvio: “Deveria haver mais segurança. No entanto, os monumentos são colocados em locais onde ela não existe. É uma questão polêmica, mas não é o caso de pensar em fechar a Redenção, por exemplo?”.

Gisele Cardoso contra-argumenta: “Vai ser a mesma coisa porque, por exemplo, assim como pichar o lugar mais alto é um ‘prêmio’, pichar o monumento que está num local cercado vai ter esse status também”, e acrescenta: “Eu acho que essas coisas deveriam ser ensinadas na escola. Seria útil no dia a dia, ao contrário de muita coisa que a gente aprende e nunca mais usa”.

Débora, diretora da EPAHC – por onde passam as decisões sobre o gradeamento ou não de bens tombados e inventariados –, concorda: “O Ministério Público várias vezes sugeriu o cercamento do monumento a Bento Gonçalves, ali na Azenha. Sou contra. Vamos acabar cercando tudo, os monumentos ficarão todos engradados. O que tem de ser feito de forma ostensiva é educar o povo”, sugere.

A gente não quer só comida - A chamada educação patrimonial é um assunto em voga nos últimos tempos, mas poucas ações nesse sentido têm sido realizadas. A arquiteta Dóris acredita

que a vigilância é um paliativo – o importante mesmo seria a conscientização da população: “O Projeto Monumenta desenvolve um trabalho social desse tipo. Fazemos oficinas de mão de obra em carpintaria e marcenaria com jovens em estado de vulnerabilidade e, depois, alguns trabalham nas nossas obras, aprendendo sobre a importância da preservação do patrimônio público”, conta.

O Monumenta é um programa do Ministério da Cultura presente em várias cidades do país que visa à recuperação de centros históricos e espaços públicos. Porto Alegre tem um dos maiores projetos, inclusive em recursos, que são completados pelo estado do Rio Grande do Sul e pela prefeitura, que não possui verba exclusiva para a conservação do patrimônio histórico. É também por essa razão que a situação de locais como as praças da Alfândega e da Matriz chegaram ao atual ponto.

Contudo, essas áreas finalmente estão recebendo a devida atenção. “Estamos reorganizando a estrutura da Praça da Alfândega e o monumento a General Osório já está em restauração. Na Praça da Matriz, as obras iniciarão em breve e o monumento a Júlio de Castilhos receberá um tratamento especial, porque está pichado e enfrenta problemas com os skatistas, que utilizam o lugar para a prática do esporte”, explica Dóris. Provavelmente, a recuperação da praça não será suficiente para que esse grupo deixe de usar inadequadamente o local. É preciso ir além. “Precisamos pensar em ações educacionais que promovam a valorização e o respeito à diversidade da cultura, estimulando toda a multiplicidade do patrimônio cultural de nossas cidades, e não somente esse ‘patrimônio material’”, defende Lorena.

Demétrio Pereira e Jaqueline Crestani, estudantes do 6.º e 7.º semestre de Jornalismo da Fabrice

Para que público é o monumento público?

A reportagem do Jornal da Universidade ouviu muitas respostas para a pergunta: “Tu consegues imaginar os motivos que levam uma pessoa a depredar?”.

Aproveitando a tarde em um banco no Parque Farroupilha, o aposentado Vicente Rochemback, de 52 anos, opina: “É uma rebeldia que depende da fase da pessoa. Na adolescência tem muita gente revoltada. É um dos fatores, não o único. Tem o econômico”. Sentado ao seu lado está Sílvio Armbrorst, de 59 anos, também aposentado. Ele vai adiante: “Vejo isso como uma maneira de extravasar a raiva, algo como ‘eu já estou ralado, então vou me vingar”.

A pergunta se repete em outro banco, onde

está Tânia Barra, de 35 anos. Sua explicação é diferente: “É falta de serviço, mas serviço tem e não querem fazer”. Gisele Cardoso, de 30 anos, toca em outra questão: “Quem não tem o básico em casa não vai dar valor a um monumento”. Dóris Saraiva de Oliveira, arquiteta do Projeto Monumenta, também responde: “Acho que falta uma relação de carinho, de pertencer, de sentir-se parte. Parece que as pessoas não têm relação com nada: tudo que estiver fora da tua casa não interessa, não é de ninguém”.

Não é de ninguém, mas deveria ser de todos. Deveria. A professora Lorena Avellar de Muniagurria, da Faculdade de Artes do Paraná, sublinha que a arte não é um conceito universal, mas socialmente construído. O que

resulta disso é óbvio: um objeto pode ser arte para um grupo, mas não para outro. “Por muito tempo, os governos pensaram a cultura nesse sentido universalista, o que contribuiu para a valorização de cânones artísticos próprios a um grupo específico”, afirma. Resultado: as expressões artísticas colocadas à margem são as de quem já é marginalizado social e economicamente.

Se uma classe tem suas manifestações segregadas, é compreensível – embora não aceitável – que não respeite as dos outros. A solução não seria a derrubada de um paradigma cultural em favor de outro, mas o contrário: a celebração da diversidade.

A arte contemporânea surge com uma

proposta de aproximação, principalmente por meio das “intervencções urbanas”: “Ela tenta firmar uma relação maior com o público, mas são os cidadãos que decidem o uso que será dado ao monumento”, diz Lorena.

Sem dúvida, algumas obras consolidam essa aproximação mais facilmente. É herança da 5.ª Bienal do Mercosul a escadaria na qual dezenas de porto-alegrenses acomodam-se para tomar chimarrão à beira do lago Guaíba nos finais de semana (a obra é da artista Carmela Gross). Alguns utilizam o corrimão para fazer manobras com rollers. Para quem, afinal, é o monumento público? Todos trazemos a resposta na ponta da língua, assim como Tânia Barra: “É para nós. É meu, teu, nosso”.



DESTAQUE

Oficina para deficientes visuais

Inclusão
Iniciativa do Instituto de Artes quer desenvolver produção artística de pessoas que normalmente não têm acesso à Universidade



No ano em que se comemora o centenário de nascimento de Louis Braille, o inventor do sistema que permite aos cegos o acesso ao mundo das letras, o Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS realiza a oficina *Cerâmica: Uma Aproximação*, destinada preferencialmente a deficientes visuais. A atividade, que está em sua segunda edição, objetiva o desenvolvimento da produção de cerâmica artística. Para Claudia Zanatta, coordenadora do projeto, o curso foi um desafio pelo despreparo em lidar com alunos com deficiência visual. "Tivemos seis participantes, cujos trabalhos serão apresentados durante o 10.º Salão de Extensão", comemora. Claudia diz que a metodologia foi organizada de modo a explorar o aspecto tátil da cerâmica, mas revela que foi surpreendida pelo pedido de uma aluna: "Ela disse que queria pintar seus trabalhos de verde, sua cor preferida, por estar relacionada à natureza. Ai me dei conta de que tínhamos de repensar nossa forma de trabalho".

A professora acrescenta que o acompanhamento dos alunos é individualizado, o que torna o ritmo de produção mais lento. Além disso, os deficientes visuais utilizam a mesma sala de aula usada pelos alunos sem necessidades especiais. "Isso exige um cuidado extra, já que pessoas com problemas de visão costumam manter os objetos de que precisam sempre no mesmo lugar, o que é difícil num espaço de uso comum." No entanto, ela diz que o caráter inclusivo da iniciativa revelou-lhe o quanto esses deficientes enfrentam dificuldades no dia a dia. "A maioria dos alunos que participaram da primeira edição não tinha emprego e jamais havia estado na Universidade", comenta. As aulas tiveram início no dia 14 deste mês e se estendem até dezembro, sempre às segundas-feiras, das 9h às 12h, no prédio do Instituto de Artes. Os interessados ainda podem se inscrever pelos telefones 8154-2191 e 9353-7354. O valor da taxa de inscrição é de R\$ 20.

CINEMA

A reinvenção de si e de um país no novo cinema argentino

A mostra de cinema da Sala Redenção traz algumas das mais importantes produções platinas da atualidade. O ciclo conta com o apoio do Centro de Entretenimento E e Vídeo Levou. Todas as sessões têm entrada franca.

ELSA E FRED



(*Elsa y Fred*, 2005, 108 min.), de Marcos Carnevale
Viúvo conhece uma nova vizinha, descobrindo que nunca é tarde para realizar sonhos e viver novas experiências.
Sessões: 15 de setembro, às 19h; 17 de setembro, às 16h

ILUMINADOS PELO FOGO



(*Iluminados por el fuego*, Argentina/Espanha, 2006, 90 min.), de Tristan Bauer

Após a tentativa de suicídio de um companheiro, ex-combatente da Guerra das Malvinas retorna ao arquipélago para reencontrar seu passado.
Sessões: 17 de setembro, às 19h; 18 de setembro, às 16h

O FILHO DA NOIVA (*El hijo de la novia*, 2001, 124 min.), de Juan José Campanella
Homem enfrenta problemas familiares até reencontrar um amigo de infância que o ajuda a ver o presente com outros olhos.
Sessão: 22 de setembro, às 16h

ROMA - UMA CIDADE DE MULHER (*Roma, Argentina/Espanha*, 2004, 148 min.), de Adolfo Aristarain
Jovem contratado para digitar a autobiografia de um escritor argentino desperta lembranças da juventude e da forte relação do autor com sua mãe.
Sessão: 23 de setembro, às 16h

O ABRAÇO PARTIDO (*El Abrazo Partido*, 2004, 96 min.), de Daniel Burman
Jovem que abandonou a faculdade vive à deriva entre a loja de sua mãe e um cyber-café onde encontra sua namorada.
Sessão: 24 de setembro, às 16h

XXX (*XXX*, 2007, 86 min.), de Lucía Puenzo
País de menina hermafrodita vivem isolados no interior do Uruguai para fugir de médicos que desejam corrigir a ambiguidade genital da criança.
Sessão: 25 de setembro, às 16h

A MENINA SANTA



(*La niña santa*, 2004, 106 min.), de Lucrecia Martel
Garota de 16 anos decide perder a virgindade com um médico, envolvendo-se em um jogo psicológico de culpa e castigo marcado pelos valores católicos.
Sessões: 28 de setembro, às 16h; 30 de setembro, às 19h

MEMÓRIA DE QUEM FICA (*18-j*, 2004, 100 min.), de Daniel Burman
Documentário que homenageia as vítimas do atentado à sede da Associação Mutual Israelita Argentina (Amia), ocorrido em julho de 1994 no centro de Buenos Aires e que deixou um saldo de 85 mortos.
Sessões: 28 de setembro, às 16h; 29 de setembro, às 19h

VALENTIN (*Valentin*, 2004, 86 min.), de Alejandro Agresti
Garoto solitário em busca de amor e afeto sonha em reencontrar a mãe desaparecida, até acreditar que uma recém-chegada poderá novamente despertar o amor de seu pai.
Sessões: 29 de setembro, às 16h; 30 de setembro, às 19h

Antiglobalização e Contemporaneidade

Ciclo de filmes organizado pela Comissão de Extensão da Faculdade de Educação. As sessões têm entrada franca e, após cada exibição, serão realizados debates com convidados.

A DIGNIDADE DOS NINGUÉNS (*Argentina/Brasil/Suíça*, 2005, 120 min.), de Fernando Solanas
Documentário sobre a crise argentina por meio das histórias de pessoas anônimas que revelam uma extraordinária capacidade de mobilização e resistência.
Sessão: 19 de setembro (sábado)
Local e horário: auditório da Escola Técnica, às 15h
Debatedores: Ana Mercedes Sarria Icaza (socióloga) e Enrique Padrós (historiador)

OCUPAÇÃO 101: A VOZ DA MAIORIA SILENCIOSA



(*EUA*, 2006, 87 min.), de Sufyan Omeish e Abdallah Omeish
Documentário sobre as raízes do conflito entre Israel e Palestina com depoimentos de intelectuais, ativistas, jornalistas e agentes de organizações humanitárias.
Sessão: 26 de setembro (sábado)
Local e horário: auditório da Escola Técnica, às 15h
Debatedores: Wladimir Ungaretti (jornalista) e Nader Alves Bujah (advogado)

MÚSICA

OSPA-UFRGS

Série de apresentações da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre viabilizada mediante convênio entre a Universidade e a Fundação Ospa. Membros da comunidade universitária podem retirar até dois ingressos gratuitos na quinta-feira da semana anterior aos concertos.

CONCERTO SÉRIE OFICIAL

A orquestra irá interpretar composições de A. Nepomuceno (Suíte Antiga), Ferdinand David (Concertino para Trombone e Orquestra), e F. Schubert (Sinfonia n.º 5, em Sib Maior). A regência é do maestro Osman Gioia, tendo como solista convidado o músico José Milton
Data: 22 de setembro (terça-feira)
Local e horário: Salão de Atos, às 20h30min
Local: Salão de Atos da UFRGS

Unimúsica Richard Serraria



Show com o músico, compositor, poeta e agitador cultural Richard

Serraria, que investe em um trabalho acústico de música brasileira com referenciais do pampa e ares eletrônicos. Richard lançou em formato SMD o disco Vila Brasil, seu primeiro trabalho individual, que pode ser visto como uma conversa em forma de canção entre o passado e o século XXI.
Data: 1.º de outubro (quinta-feira)
Local e horário: Salão de Atos, às 19h
Retirada de senhas para ingresso a partir de 28 de setembro na bilheteria do Salão de Atos mediante a doação de 1 KG de alimento não perecível

Vale Doze e Trinta - Reverba Trio

Apresentação do grupo de surf rock instrumental, que interpreta temas inspirados na surf music, no rock, no rhythm'n'blues, no soul e também utiliza elementos de música árabe, mexicana e italiana. A banda é formada pelo guitarrista Júlio Cascaes, o contrabaixista Felipe Grimm e o baterista Júlio Sasquatt na bateria.
Data: 5 de outubro (segunda-feira)
Local e horário: Praça central do Câmpus Vale, às 12h30min
Entrada franca

CURSOS & PALESTRAS

A Massa Crítica e o Programa Nuclear Nazista

Palestra com o físico Johnny Ferraz Dias sobre os princípios básicos do processo de fissão nuclear e a história da produção da primeira bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial.
Data: 17 de setembro (quinta-feira)
Local e horário: Livraria Cultura, às 19h30min
Entrada franca

Uma Noite no Museu

Encontro mensal realizado em parceria com o curso de Museologia da UFRGS. O tema deste mês será *Porto Alegre através da Fotografia (1860-1960)*, com Charles Monteiro.
Data: 23 de setembro (quarta-feira)
Local e horário: mezanino do Museu, às 19h
Entrada franca

II Seminário Nacional de Ciência Política - América Latina em Debate

Seminário promovido pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Política do IFCH. A programação inclui a discussão de temas como presidencialismo, sistemas partidários e estabilidade política,

gênero e participação política. No encerramento, o ex-reitor da UFRGS Hélgio Trindade falará sobre Projetos Universitários e Integração Latino-Americana.
Período: 23 a 25 de setembro
Local e horário: auditório do Ilea, das 14h às 20h. Informações e inscrições no site www.ufrgs.br/snpc

3.ª Primavera dos Museus

Painel com o adido de Cooperação e de Ação Cultural da Embaixada da França em Porto Alegre, Ronan Prigent, e o secretário municipal da Cultura de São Leopoldo, Vítor Ortiz, que irão discutir o tema Museu e Direitos Humanos.
Data: 28 de setembro (segunda-feira)
Local e horário: mezanino do Museu, às 19h
Entrada franca

Contação de Histórias

Atividade do projeto de extensão universitária *Conta Mais*, que procura despertar o interesse infantil pela literatura.
Ministrantes: Milene Linden da Rocha, Carla Elisabete Cassel Silva e bolsistas do projeto
Vagas: 20
Data: 29 de setembro (terça-feira)
Local e horário: mezanino do Museu, às 15h
Entrada franca

EXPOSIÇÃO

Luta e Resistência Charrua: uma História que os Livros não Contam

Mostra fotográfica sobre a etnia charrua e sua rotina na Aldeia Polidoro, em Porto Alegre.
Visitação: 14 de setembro a 30 de outubro
Local e horário: painéis do prédio da Reitoria, de segunda à sexta-feira, das 8h às 18h
Entrada franca

Uniarque - Total Presença



Exposição que divulga parte do acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes, com curadoria da professora Blanca Brites.
Visitação: na Pinacoteca, até 23 de setembro, das 10h às 18h, de segunda à sexta; no paço Municipal, até 26 de setembro, de segunda à sexta das 9h às 12h e das 14h às 18h, e aos sábados, das 13h às 17h
Entrada franca

TEATRO

7.ª Mostra Anual Charrua: uma História que os Livros não Contam

Mostra que apresenta a produção dos alunos do DAD.

A VIDA ÍNTIMA DE LAURA



Uma reflexão a respeito da mídia e sua influência sobre as pessoas. Trabalho da aluna Mila Mariz para a disciplina de Atuação IV, sob orientação de Cíca Reckziegel.
Apresentações: 16, 23 e 30 de setembro (quartas-feiras)
Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca

O Universo do Professor Galileu

Intervenções cênicas sobre a vida de Galileu Galilei. Estreia: 16 de setembro (quarta-feira), às 18h. Sessões: nas terças e quintas, das 9h às 12h; e nas segundas e quartas, das 14h às 17h. Local: mezanino do Museu. Entrada franca

PLANETÁRIO

Programas especiais para crianças e adultos. O ingresso individual é um 1 kg de alimento não perecível. Depois de iniciada a sessão, não é permitida a entrada na sala de projeção.

O PLANETA AZUL
O planetário e a nave interplanetária Mast levam os espectadores a uma viagem pelo Sistema Solar e pela história da Terra, mostrando o nascimento do planeta, o surgimento da vida, o conjunto de seres interdependentes que habitam o pequeno astro azul. Duração: 48min
Sessões: 20 e 27 (domingo)
Local e horário: Planetário, às 16h

A UM PASSO DE JÚPITER
A superfície marciana é a base de lançamento da nave-fantasia, que leva os passageiros ao planeta gigante do Sistema Solar. Suas nuvens coloridas e a densa atmosfera são atrações da viagem, que apresenta também os hipotéticos habitantes que sobreviveriam no mundo gasoso de Júpiter. Duração: 36min
Sessões: 20 e 27 (domingo)
Local e horário: Planetário, às 18h

ONDE?

Auditório da Escola Técnica
Rua Ramiro Barcelos, 2.777
Fone: 3308-5167

Ilea
Av. Bento Gonçalves, 9.500
Fone: 3308-6941

Livraria Cultura
Av. Túlio de Rose, 80 - loja 302
Fone: 3028-4033

Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
Fone: 3308-3390

Pinacoteca Barão de Santo Ângelo
Rua Senhor dos Passos, 248 - 2.º andar
Fone: 3308-4302

Planetário
Av. Ipiranga, 2.000
Fone: 3308-5384

Sala II e Salão de Atos
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3066

Sala Fahrion
Av. Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3034

Sala Redenção
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3034

Sala Qorpo Santo
Rua Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-4318

Meu Lugar na UFRGS



CADINHO ANDRADE/JU

Escola pequena

Quando Maria de Fátima Rodrigues Andrade chega à creche Francesca Zacaro Faraco, que atende filhos de servidores da UFRGS, abre um sorriso. É hora de reencontrar suas crianças e começar mais um dia. “Profe Fátima”, recreacionista do quadro da Universidade, enfrenta essa rotina desde 1986. Mas, para ela, as tarefas são só alegria.

“Foi amor à primeira vista”, define Fátima, a respeito de sua função. Ela educa 17 meninos e meninas entre um e meio e dois anos de idade, mas explica que já atendeu a todas as turmas da creche. “No início do ano, a gente pode escolher as classes com que quer trabalhar.” Assim, as professoras têm contato com todos os alunos e colegas da creche, o que torna a atmosfera agradável.

Com as crianças, Fátima revela carinho e cuidado. A boa relação entre os novos alunos e as educadoras surge naturalmente em um período de adaptação. Durante algumas semanas, os alunos frequentam a creche por poucas horas a cada dia, e esse tempo é gradualmente ampliado. “No início, é difícil separar a criança dos pais e entregá-la a um adulto estranho, mas em menos de um mês ela já te dá os braços e sorri.”

No seu entendimento, o mais recompensador dessa profissão é o retorno. Os laços criados com os pequenos, conta, são tão fortes que não se desfazem facilmente. Emocionada, ela relata que, ao se deparar na rua com um ex-aluno, o sentimento de satisfação a invade: “Quando eu encontro jovens que foram meus alunos, às vezes nem percebo, porque a fisionomia muda bastante, mas eles mesmos me reconhecem. É muito gratificante saber que não fui esquecida”. Antigos alunos visitam a escola até hoje para matar a saudade da época de meninice.

Como as crianças têm interesses difusos e pouca capacidade de permanecer por período extenso em uma mesma atividade, as professoras desenvolvem projetos que prendam a atenção por curtos intervalos de tempo. O maternalzinho, turma da profe Fátima, participa de contação de histórias, jogos no pátio, brincadeiras na ludoteca. Entre as ações, a preferida de Fátima é a pintura. “Ali, vê-se a evolução de uma semana para outra. Podemos identificar o crescimento de cada um através dos desenhos produzidos por eles.”

O desenvolvimento infantil é incentivado pelas recreacionistas em todas as horas do dia, como no momento das refeições. “A utilização do garfo e da faca pelas

crianças, por exemplo, inicia com o interesse dos alunos, já que as professoras também os usam.” Por perceberem que o comportamento dos adultos influencia as atitudes das crianças, as funcionárias estimulam suas descobertas.

Fátima faz tudo com muita disposição desde a chegada. “É muito importante estar pronta para receber as crianças e dar tranquilidade aos pais. Não nos preocupamos apenas com os pequenos, mas também com os responsáveis. Eles nos entregam suas joias.” A intenção é transmitir segurança para os adultos poderem trabalhar descansados, informa a servidora.

A mesma cautela com a recepção inicial é vista no auxílio da passagem das crianças para o colégio. A fim de que a entrada na Educação Fundamental não seja traumatizante, a Creche da UFRGS faz um trabalho de introdução à cultura da primeira série. Para isso, explicam aos alunos do Jardim de Infância que eles passarão para outra instituição, um pouco diferente da escolinha. “Eles chamam o colégio formal de ‘escola grande’, pois já foram preparados para enfrentar essa nova realidade.” Por isso, Fátima costuma dizer que “eles entram no colo e saem caminhando em direção à escola grande”.

Antes de ingressar na Universidade, Fátima desenvolveu um trabalho administrativo na Prefeitura de Porto Alegre. Como gostava de crianças e cursou magistério, ela aproveitou a oportunidade de prestar concurso para a UFRGS, na vaga de recreacionista. “Minha sobrinha, filha do meu irmão, já estava aqui, então eu conhecia o ambiente. Apesar de nunca ter trabalhado com crianças, achei que seria um desafio. E vim.” Hoje ela reconhece que essa foi uma aposta acertada, foi uma paixão que ela própria escolheu.

Nas horas vagas, Fátima trabalha na Associação dos Servidores da UFRGS e UFCSPA (ASSUFRGS). De onde ela tira tanto entusiasmo? Fátima responde, com um brilho especial nos olhos: “Aqui é minha energia”.

Leila Ghiorzi e Caroline da Silva

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Por que não?

Educadora transgressora

O papel crítico e a vontade de questionar são heranças do Colégio de Aplicação

Caroline da Silva

Maria da Graça Gomes Paiva é uma daquelas pessoas que te faz repousar o cotovelo na mesa, a fim de escutar suas histórias de persistência, de luta contra o preconceito e de entusiasmado amor à educação.

Aos 58 anos, residente do Bairro Vila Jardim, consultora da Unesco, já vivenciou plenamente todas as facetas que uma mulher pode realizar em sua vida. Seguiu reconhecida carreira acadêmica, comprou desafios, entrou para a política, morou no exterior, é esposa e mãe.

Em busca dos sonhos – No ano de 2001, se propôs a juntar cerca de mil convidados no Clube Farrapos de Oficiais da Brigada Militar em sua festa de aniversário de 50 anos. Primeiro precisou convencer o marido, coronel da BM. Depois, teve a ideia de tornar a festa um evento beneficente. A professora não chegou à mil pessoas, mas realizou o desejo de ter uma grande comemoração, com um bolo vivo de 25 casais.

Assim é Maria da Graça: uma idealista cheia de metas que sempre tem uma citação para explicar suas decisões. Quando fala na trajetória marcada pelo fato de ser única em vários espaços, em função de ser negra, faz referência a Sammy Davis Jr.: “Só passarei pelas portas as quais possa deixar abertas para um semelhante meu; se não puder abri-las e deixá-las abertas, não as cruzarei”. Ela não se importa de ser chamada, por diversas vezes, de “a primeira negra a...”, porque sabe que abre perspectivas para outros.

Quando seus objetivos são realmente grandiosos, tem em mente o pensamento de Gandhi: “Estou consciente de minhas limitações, e essa conscientização é minha força”. Mulher determinada, parece realmente não desistir de nada, sempre procurando caminhos para suas realizações. Caçula de cinco irmãos, a educadora credita a esse fato tanta irreverência e inovação.

Cisne destacado – Cresceu perto da Protásio Alves, na altura do Colégio Rio Branco, onde estudou. “Minha mãe foi autodidata. Meu pai foi impressor da Livraria do Globo, depois até escreveu um livro de poemas.” Relembrando a infância, diz que sofreu muito e quase desistiu de estudar: “Mas minha família me apoiou muito nesse sentido”. Por isso, acredita que o papel da família é muito importante para a criança negra. Certa vez, teve seus materiais jogados para fora da sala no colégio. Também tinha o apelido de Cisne Branco em Negativo, “era um estereótipo”.

No primeiro ano do ginásio, entrou para a “escola dos alunos com QI alto”, o Colégio de Aplicação da

“De Cisne Branco em Negativo a representante da turma de 1963, foi uma longa e árdua caminhada com encantos e desencantos”

UFRGS. Numa seleção em que havia 30 vagas, ela ficou em 23.º lugar entre 300 inscritos. Maria da Graça Vitória Gomes (nome de solteira) teve o nível psicológico avaliado como médio superior. Compara sua ficha a um “bilhete premiado” por entrar para aquela elite: “Meus colegas todos eram de classe média alta. Eu e mais dois ou três pedíamos o material escolar, vínhamos de um outro padrão. E como aluna negra eu era única”.

E fez-se a transgressão – Mais tarde, os mesmos colegas que lhe apelidaram em função da etnia elegeram-na re-

presentante de turma. Mas a plena consciência da sua negritude foi tomada na Jamaica, durante um intercâmbio da graduação. “Sou uma educadora transgressora desde a minha vivência como filha que fui do Colégio de Aplicação desta Universidade. Comecei na UFRGS aos 13 anos, fiz o curso de Letras aqui, depois consegui uma bolsa PICD e fui fazer mestrado na PUC de São Paulo.” O Plano de Capacitação Docente Integrado era um programa de bolsas da Capes que formava professores para o quadro das universidades. Dessa forma, em 1981 ela passou a integrar o corpo docente do Instituto de Letras na área de língua inglesa.

O doutorado na área de Educação foi realizado na PUCRS. Aposentada da Universidade Federal em maio de 2003, trabalhou como docente de Língua Inglesa por 22 anos, tendo sido chefe do setor de inglês do Departamento de Línguas Modernas e fundadora e coordenadora do Núcleo de Apoio Pedagógico do Rio Grande do Sul (NAP) por 15 anos. Professora da Pós-graduação a partir de 2000, atuou ainda depois da aposentadoria como colaboradora convidada.

Em sua carreira docente, Maria da Graça baseou-se no ensinamento de Paulo Freire, segundo o qual o educador deve ser sério, não sisudo. Certa vez, desafiou seus alunos a assistirem à pregação de pastores da Igreja Evangélica durante 10 minutos por semana. Foi uma experiência pensada depois de ler um livro de Philippe Perrenoud, para quem a primeira grande competência que qualquer ser humano tem de ter, não importando o nível social e cultural, é a autoexpressão. Também se baseou na educação como uma prática de liberdade, ideia presente na obra *Teaching to transgress*, da escritora bell hooks – assim mesmo, sem maiúsculas.

Vida pública – Ela própria se define como uma pessoa que consegue enxergar na política a possibilidade de ver mais claramente ainda o papel da educação como a grande virada desse país. Foi candidata a vereadora em 2004. Atualmente, é suplente do senador Pedro Simon, pelo PMDB, e na Unesco é assessora técnica sênior do Programa Fundo do Milênio para a Primeira Infância – uma parceria da Unesco, da Gerdau e da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho.



CADINHO ANDRADE/JU



Cais descoberto

FOTOS **WALTER ROSA**
 TEXTO **ÂNIA CHALA**

Desde os tempos da faculdade, quando passava de ônibus pela Avenida Mauá, tinha curiosidade e desejo de fotografar o que havia por trás do muro. A visão das pontas dos guindastes, dos barcos e dos telhados dos armazéns chamava a minha atenção. Já imaginava o que iria encontrar do outro lado: equipamentos malcuidados, muita ferrugem e lixo, em contraste com a paisagem serena do lago Guaíba. Quando descobri um jeito de acessar o local, convidei alguns amigos fotógrafos e fomos para lá numa tarde de sexta-feira deste mês de agosto. Pude, então, registrar o que antes só imaginava, descobrindo texturas, formas e composições a partir da mistura de equipamentos com a natureza, com os trabalhadores e com os “moradores” do cais do porto (como os cães que fazem a guarda de alguns navios). A visita revelou uma paisagem bela e única, onde, apesar da proximidade com o Centro da capital, há um ritmo diferente. Naquele espaço, o tempo deixa as marcas de sua passagem por meio da ferrugem e da natureza, que insiste em tomar os espaços não trabalhados pelo homem.



WALTER ROSA É FORMADO EM ARTES VISUAIS PELA UFRGS E ATUALMENTE FAZ UM ESTÁGIO NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA (MAC) DO RIO GRANDE DO SUL. DURANTE O CURSO, ELE SE APAIXONOU PELA FOTOGRAFIA E AGORA SE DEDICA A EXERCITAR O OLHAR PELA CIDADE.